ILUSTRAÇÃO

N.º 278 — 12.º ano

16 JULHO-1937

PREÇO - 5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

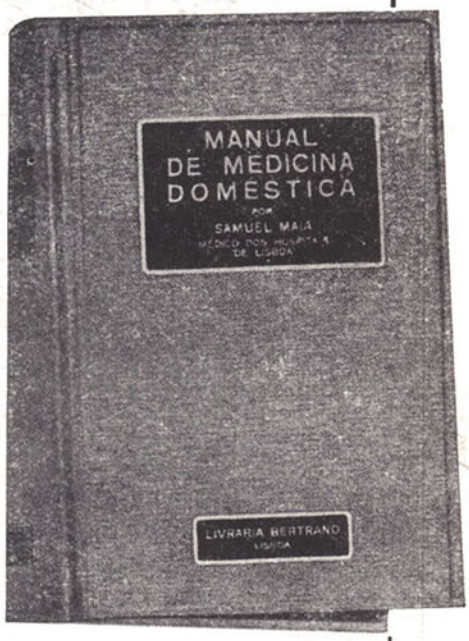
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Comece o dia com

'OVOMALTINE'

a bebida
que lhe dá a si e aos seus,
saúde e energia

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. – BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA
o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

MUITO DINHEIRO

Ela pode rodear-se do luxo mais caro. Mas, para a sua preciosa tez, não tem confiança senão no pó de arroz com «Mousse de Crème». Ela sabe que êste pó suprime os poros dilatados e o aspecto luzidio dando à pele um belo aspecto «mate» e aveludado que faz sobresair a beleza natural do rosto.

O Pó Tokalon é o único pó de arroz que possui a «mousse de crème». Está misturada segundo um processo secreto que lhe assegura efeito imediato. Conserva-se quatro vezes mais tempo que outro qualquer pó, sob qualquer tempo, durante o dia ou a noite e faça-se o que se fizer.

Resiste à transpiração.

Assim, com o Pó Tokalon puro, tem, por alguns escudos sómente, a garantia duma tez esplêndida, ou então, em caso contrário, a restituição completa do dinheiro.

Vende-se em qualquer perfumaria ou boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva, para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

6 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aérea,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljafería de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... **12$00**
Pelo correio à cobrança... **14$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

Acaba de saír:

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 3.ª edição

AVENTURA MARAVILHOSA

de D. Sebastião, Rei de Portugal,

depois da batalha com o Miramolim

ROMANCE

por **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 págs., com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Horas sem sofrer...
Horas felizes

Ela tem a certeza absoluta disto e vive, por conseguinte, uma vida livre de dôres. E é tão simples eliminar completamente a dôr, a inimiga nata da alegria!

Um ou dois comprimidos de

Cafiaspirina

cortam em poucos minutos as dôres de cabeça e de dentes no seu inicio e sentimo-nos de novo bem dispostos e animados.

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

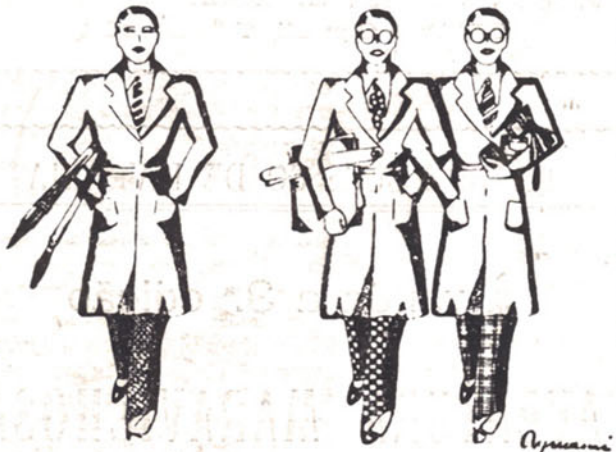
Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 12

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
●
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535
N.º 278 — 12.º ANO
16-JULHO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O PREÇO DA FELICIDADE

Conta-se que, um dia, sendo oferecido um título nobiliárquico ao grande escritor Bernhard Shaw, êste se recusou a aceitá-lo, visto não lhe agradar.

— Acharia pouco o título de conde? — houve quem lhe preguntasse.

— Sim, acho pouco para a minha ambição — respondeu o genial autor da *Santa Joana* — acho pouco êsse título e quaisquer outros com que pretendam distinguir-me.

— Mas, então, o que desejaria ser?

— Rei da Inglaterra. Ora, como não pode ser, visto não haver vaga, recuso-me a aceitar qualquer outra honraria.

Esta *blague* do grande Shaw correu mundo, patenteando bem claramente o enorme desinterêsse do escritor pelos títulos honoríficos que se adquirem por meio de uma carta de mercê.

Quanto ao seu desejo de querer arvorar-se em soberano da Grã-Bretanha, ainda menos acreditámos na sua sinceridade. Bernard Shaw quis apenas manifestar o altíssimo respeito que tinha pelo monarca que tão generosamente o queria honrar entre os seus numerosos subditos. Nada mais. No dia em que sonhasse ser possível entrar solenemente em Westminster, Bernard Shaw fugiria para o extremo da Terra, e iria esconder-se no seio da tríbu mais afastada que encontrasse, nem que fôsse de antropófagos.

Ser rei... que penoso sacrifício! Perder a liberdade de acção; deixar de ser um homem para se transformar num símbolo; empenhar a existência a procurar fazer o bem e receber, quantas e quantas vezes, as mais duras ingratidões!...

Assim o pensou Eduardo VIII, ao abdicar em seu irmão — o actual rei Jorge VI — visto que em seu dizer, «na livre Inglaterra todos tinham liberdade, menos o rei».

Com efeito, assim é. A rígida tradição britânica continua a manter pelos seus soberanos o mesmo culto observado nos tempos da Idade Média, desejando, em troca, que os reis cumpram inteira e fielmente as antigas fórmulas inflexíveis e imutáveis, embora elas pesem mais, nos tempos que vão correndo, que as férreas armaduras dos Cavaleiros da Tavola Redonda.

Hoje, o duque de Windsor vive feliz no aconchegado confôrto do castelo de Wasserleonburg, da Caríntia, onde se dispõe a passar uma interminável lua de mel.

Os duques de Windsor em plena lua de mel

Depois, se não surgir outro plano mais agradável, irá até à América do Norte, onde comprará uma linda propriedade rodeada de árvores frondosas e deliciosos jardins.

Entretanto, a família real britânica, atendendo a que o duque de Windsor, tendo apenas de rendimento anual umas escassas vinte e oito mil libras, não poderia suprir suficientemente as despesas inherentes à sua posição social, decidiu estabelecer-lhe a pensão dotal de 100 mil libras por ano. Em caso de morte, a duquesa de Windsor sufruirá os rendimentos provenientes desta quantia por tôda a vida.

E assim vivem os duques de Windsor.

E' certo que a duquesa não terá direito a usar o título de Alteza Real, visto o acto de abdicação de Eduardo VIII excluir tal título de tôdas as cláusulas do «Royal Mariage Act». Mas que mais belo título poderia a senhora Warfield aspirar do que o de esposa amantíssima dum príncipe que a adora? O duque de Windsor soube cumprir, nos tempos que vão correndo, o que os poetas românticos suspiravam há cem anos às suas namoradas, em longos arroubos líricos:

Se eu fôsse rei, minha c'rôa
Dá-la-ia por teu amor...

Foi êste o preço da sua felicidade.

Hoje, em dia, a tarefa de cingir uma corôa assemelha-se à corôa de espinhos que torturou a fronte augusta de Jesus.

Já lá vai o tempo em que a vida dos reis era cheia de encantos e maravilhas... Ainda nos recordamos da deliciosa existência de Leopoldo II da Bélgica que, quando sentia a mais ligeira nuvem de tédio a ofuscar-lhe a imaginação fecunda, deixava o seu palácio de Bruxelas — e ia dar um passeio pelos *boulevards* de Paris que não ficavam distantes...

O Rancho de Colares em plena festa

AS FESTAS VINDIMÁRIAS

A entrega do «Cacho Dourado»

e a finalidade desta festiva cerimónia

A cerimónia da entrega do "Cacho Dourado„ ao Rancho de Colares, realizada em 4 de Julho, constituiu uma das mais atraentes festas que pode-

O sr. Presidente da República junto do «Cacho Dourado»

ria imaginar-se. Uma tal demonstração folclórica, efectuada nesta pitoresca região, despertou o mais vivo interêsse pela alegria popular que a animou, e se transmitiu a todos quantos tiveram a felicidade de a presenciar. O Rancho de Colares ostentava, enfim, o honroso trofeu da I Festa Vendimária, tão briosamente conquistado.

O sr. dr. Samuel Maia, que tão nobremente tem posto ao serviço da propaganda viti-vinícola as altas faculdades do seu talento, os seus conhecimentos de homem de ciência e os seus largos vôos de escritor primoroso, não faltou com a sua colaboração. O discurso que proferiu pode ser considerado uma brilhante peça oratória em que ressalta, além do relevo literário, a defesa duma causa nobre e patriótica.

"Assistimos — começou por dizer o brilhante autor do "Sexo Forte„ — a um acto que se revestiu de solenidade bem aparente, no propósito de acentuar o valor e alcance do pensamento que lhe deu origem.

"Constitui a parte inicial ou primeiro tempo de outro mais largo e extenso, delineado dentro do projecto ambicioso de perpetuar, atravez das gerações, o louvor da terra portuguesa, representada pelo que nela se cria de mais valioso.

"Vai ser atribuido ao Rancho de Colares que no último outono concorreu á á Festa Vindimária de Lisboa, o "Cacho Dourado„ trofeu permanente, cada ano transmissível ao vencedor escolhido, entre os que se apresentarem a concurso realizado naquela quadra, com o fim de agradecer a colheita arrecadada dos vinhedos.

"O objecto entregue significa a imagem real e símbolo venerador do fruto precioso que nutre, dá saúde e riqueza á gente moradora nêste lugar do ocidente, ribeirinho do Atlântico.

"O mesmo tambem representa o testemunho de que são verdadeiros homens elevados e dignificados pela inteligência e pela consciência das suas relações com o universo, os que habitam esta faixa do globo porque só os classificados dentro dessa categoria sabem agradecer o que recebem. Os animais inferiores, no número dos quais é lícito incluir alguns com face humana, colhem, devoram e adormecem, ignorantes do favor alcançado. Só o homem superior, por ser o único habilitado a conhecer, depois de refeito e deliciado, demora a render graças pela mercê de que tirou consolação.

"Aqui temos como festejar a vindima por meio de cantos e gestos belos, fartos de alegria e entusiasmo, em honra dos cachos, e que exalta quem o pratica. Vemos também quanto pode desmerecer a qualidade moral do povo que se mostre alheio a estas manifestações.

"O de Portugal, sem ser de todo extranho, nunca se emocionou, nem experimentou ternura que se expandisse em hinos e cortesias pomposas, cantos e bailes para traduzir a ventura de guardar os dons retirados da cêpa.

"Canta e dança durante a quadra da vindima, sem ter inventado um canto e dança da vindima, de propósito feito para bem querer e louvar o cacho dourado, saboroso, nutritivo, perfumado, salutar, que a vide prodigiosa cada ano lhe entrega com carinho maternal.

"Pretende a joia simbólica que vai ser confiada ao Rancho de Colares, servir de estímulo ao aparecimento de um fervor que, despertando a sensibilidade adormecida, incite ao acto de gratidão, expresso na melhor linguagem humana, pela dádiva amorosa do humus, pontualmente arrecadada na volta de cada outono.

"Este foi o motivo moral mais importante que determinou a fundação do certame a efectuar pela segunda vez, na quadra próxima.

"Indica-se outro empenho não menor que anima a tentação formada.

"O plano traçado prevê a criação de um espírito inexistente, ou tão débil que mal se apercebe, no povo dissociado e bisonho de Portugal. Deseja-se mover o aparecimento de Ranchos Populares, para com êles excitar a sociabilidade, o instinto colectivo, o gosto pelo convívio afável, persistente, na convição de que por êsse meio se fabricam geradores do fluído precioso, denominado alegria, pelos melhores doutores julgado tão necessário á vida e saúde do corpo como o pão, vinho e azeite, os três alimentos essenciais da gente portuguesa.

"A aspiração maior consiste em fortalecer sentidos que nela se apresentam rudimentares, até ganharem vigor que supra a míngua prejudicial ao seu poder evolutivo no percurso da civilisação e cultura.

"Haverá quem dúvide da possibilidade de um tal rendimento?

"Existe nesta região de Colares, identificada no seu Rancho, acabado de nascer, prova concreta e justificativa do propósito formulado.

"Essa riqueza do nosso património, abandonada e sujeita a mácula da sua pureza nativa alcançará defeza e sustento nos ranchos de composição radicalmente populares, terrenos como êste de Colares, como o de Barqueiros no Douro, como muitos mais em sementeira que germina.

"Não é pois modesta; nem sequer limitada, a idéia contida no símbolo ou instrumento excitador de fé e entusiasmo que vai iniciar a sua carreira.

"Faremos votos porque a realização ande a par da aspiração.

"Supõe-se que para consegui-lo bastará levar ao conhecimento da gente boa de Portugal a idéia e o culto representado no objecto.

"Espera-se considerável efeito de propaganda dêste acto que o sr. Presidente da República, os srs. Ministros da Agricultura, Comércio, Educação e sub-secretário de Finanças com a sua presença tornassem solene e por isso se repercutirá até aos confins da terra portuguesa, onde a nossa boa vontade já descobre os sinais se um instinto social a despertar. Esse é o mesmo que a nossa persistência em querer tornará forte e indestrutivel, de proporção dominante, absorvente, em termos de ninguém ignorar que uma forma nova, nova condição ou novo estado do homem portuguez se implantou no território, todo êle um horto coberto de cachos dourados, róseos e ametistas que são as côres do sol nas horas solenes do dia.

"O cacho, o sol e Portugal, assim se encontram juntos no símbolo que nêste instante se confia ao Rancho de Colares, por seus méritos, e como afirmação do brio que sempre manterá atravez de uma existência ilimitada„.

O sr. dr. Samuel Maia lendo o seu discurso

Os bailados

O Chefe do Estado e entidades oficiais assistindo às festas

Neste primoroso discurso do dr. Samuel Maia, que a multidão aplaudiu delirantemente, tudo estava dito, comentado e explicado. Constituindo uma esplêndida peça literária, teve o condão de ser compreendido pelas almas rudes e simples, e por isso mesmo mais sinceras.

Estava feita a entrega do "Cacho Dourado„ que irá de terra em terra glorificar os que melhor souberem distinguir-se pela arte e pelo brio da sua apresentação no certame nacional, criado para estimular o espírito do povo e elevá-lo até às culminâncias dum culto útil, produtivo e português.

Tudo leva a crer, portanto, que, num futuro não distante, a "Festa do Cacho„ se transforme num acontecimento do mais elevado interêsse para os povos das regiões vinícolas que, em boa verdade, envolvem o País inteiro. A capital do distrito a que couber o „Cacho Dourado„, será, no ano correspondente, o local da Festa das Colheitas. Ali deverão concentrar-se os concorrentes de todos os pontos de Portugal e os interessados por esta simpática manifestação.

A festa de Colares demonstrou eloqüentemente o que poderão vir a ser as festas futuras. Em Colares, a alegria popular provocada pela recepção do "Cacho Dourado„ foi tal que se expandiu em cantos e bailados, num crescendo entusiástico, desde a tarde até manhã alta.

A entrega do «Cacho Dourado»

FIGURAS E FACTOS

Casas Madeirenses é o título do novo livro que o ilustre escritor J. Reis Gomes acaba de publicar e no qual se focam problemas de importância local e que são, ao mesmo tempo, históricos, arquitectónicos. Um belo e utilíssimo livro que se torna indispensável em todas as boas estantes

A nova obra de Ferreira de Castro, *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, apresentada em edição luxuosíssima, ficará à altura do seu já consagrado autor. Nas suas páginas, sumptuosamente ilustradas, passam em delicioso e policrómico cosmorama a vida, a tradição, os costumes de recantos de Mundo quási ignorados por quem muito mais deveria saber. Portanto, esta obra magnífica não é só destinada aos ignorantes, é-o também para os que se julgam cultos

Fui eu que matei? é um novo livro do do ilustre escritor dr. Sousa Costa que tem tanto de talento como de infatigável. Esta obra, agora, é das que se lêem dum fôlego, num crescendo de ansiedade, e que termina por purificar as almas. Aparte o enrêdo bem conduzido, aliás vivido, o autor defende uma tese que bem merece ser meditada por todos quantos se jactam de ser justos e imparciais em seus juízos e opiniões que classificam de imutáveis

A D.ra Lúcia Terlô, ilustre médica portuguesa que se encontra actualmente em Viena, onde tem publicado vários e interessantes trabalhos de colaboração com mestres estrangeiros que muito a admiram e consideram. Em boa verdade, é-nos sumamente agradável saber que o nome de Portugal é honrado além fronteiras, e que é uma senhora portuguesa que tanto se esforça por enaltecer o nome sagrado da terra que lhe foi berço. Daí a nossa admiração pela sua acção patriótica

Um aspecto do entusiástico acolhimento que a população da Capital do Norte tributou aos jogadores do F. C. do Pôrto que conquistaram, de novo, o honroso título de campeão do foot-ball nacional. Não se pode fazer uma ideia do que foi essa recepção. Pode mesmo dizer-se que atingiu o cume do delírio. Enquanto nas ruas se apinhava uma multidão tão compacta que um alfinete não cairia no chão, nas janelas agitavam-se lenços e estralejavam palmas festivas. A gravura acima mostra um trecho da manifestação na Rua de Sá da Bandeira. — A' direita: O Pôrto de Honra na séde do F. C. do Pôrto

No Grémio Alentejano, o ilustre artista Leonel Cardoso realizou uma interessante exposição de grupos regionais em latão cromado e esmaltado. Ao recinto da exposição afluiu grande número de visitantes que admiraram os trabalhos expostos, cheios de movimento e colorido, apresentando ainda o cunho acentuadamente português nos tipos e costumes que reproduzem com rigor

Após cinco anos de porfiada luta, o *Grupo Desportivo* «Os Treze», conseguiu arrebatar ao Sporting Clube de Portugal o campeonato de Lisboa de «Hand-Ball» que êste conservava desde êsse longo período. Na nossa gravura figura o *team* de Honra de «Os Trêze», actual campeão. A proeza merece relevo especial, pois patenteia bem o quanto podem a tenacidade e a perseverança

O 2.º Centenário de Stradivarius

Stradivarius

A histórica cidade de Cremona está em festa pelo segundo aniversário da morte de Stradivarius, o famoso fabricante de instrumentos de corda, cujo talento não chegou nunca a ser igualado.

Estas comemorações principiaram no dia 16 de Maio, data do falecimento de António Stradivarius, e prolongar-se-hão até 28 de Outubro, em que será inaugurada a Escola e o Museu Nacional de Instrumentos de Corda.

Entre as velhas tradições desta formosa cidade, que datam das primeiras colónias romanas da Gália cisalpina, destaca-se o importante papel que teve, mais tarde, nas lutas entre guelfos e gibelinos. Mas o episódio mais celebrado foi o ocorrido em 1702, quando Cremona era o quartel general do exército franco-espanhol, comandado pelo marechal de Villeroi. O príncipe Eugénio, acampado nos arredores, resolveu prender o estado-maior francês. Com a cumplicidade dum habitante, conseguiu introduzir de noite na praça alguns dos seus homens que abriram as portas aos seus camaradas. O próprio príncipe entrou por uma delas à frente duma parte das suas tropas. Villeroi foi preso ao levantar-se da cama. Porém, o regimento real de Vaisseaux e dois regimentos irlandeses, que faziam parte da guarnição, improvizaram a defesa, barricando-se nas ruas. O marquês de Praslim, o único general que não fôra feito prisioneiro, mandou cortar a ponte sôbre o rio Pó, e o príncipe Eugénio só teve tempo para se juntar ao grosso das suas tropas, levando, entretanto, prisioneiro, o inepto Villeroi.

Mas não foi êste episódio, nem outros de idêntico jaez, que deu fama à cidade de Cremona. A sua celebridade data dos séculos XVII e XVIII com a sua grandiosa indústria violeira. Cremona orgulha-se em ter sido o berço dos Amati, dos Guarneris e dos Stradivarius.

E, agora, comemora retumbantemente o centenário do seu famoso fabricante de instrumentos de corda, durante as festas cêrca de meio ano.

Este António Stradivarius, tendo começado a trabalhar sob a direcção de Nicolau Amati, decidiu imitar o mestre, e com tal perfeição, que se tornara difícil distinguir um instrumento, fabricado pelo mestre, de outro fabricado pelo discípulo.

Mas depressa António Stradivarius reconheceu que podia ir além do que lhe tinham ensinado, e abriu oficina por sua conta. Trabalhou afanosamente durante anos, mas o seu esfôrço foi coroado pelo maior êxito que poderia ter sonhado, visto os seus violinos serem dotados de tal sensibilidade que todo o Mundo os preferia.

Foi sobretudo, a partir de 1690, que a sua obra atingiu a perfeição máxima. De então a 1725, os instrumentos saídos das suas mãos são autenticas maravilhas. Nesta altura, começam-se a fazer sentir os efeitos da velhice na factura menos perfeita.

No entanto, o velho não parava nunca. Os seus violinos continuavam a correr mundo. Devem-se-lhe também alguns contrabassos, em pequeno número, mas de ótima qualidade. Os violoncelos são em maior quantidade, e todos incomparáveis. Como as violas estivessem ainda em uso, no seu tempo, fez algumas de seis e sete cordas que fôram disputadas como verdadeiros primores de arte. Trabalhou sempre até morrer sem o mais ligeiro desfalecimento. Tinha noventa e três anos quando a morte veio paralizar-lhes as mãos infatigáveis.

É esta figura que a cidade de Cremona está celebrando com o mais vivo entusiasmo. No dia 16 de Maio começou pela comemoração da morte de António Stradivario.

No dia 16 de Maio fôram inaugurados o concurso e exposição de violaria moderna no Palácio Vidoni-Soranzo, que se estenderam até 15 de Junho.

No dia 16 de Maio a 15 de Junho, a Exposição Internacional de Violaria Antiga Cremonesa, no Palácio Guelfo de Cittanova.

No dia 16 de Maio, a Feira Nacional de Arte Antiga que durará até 3 de Setembro, no Palácio Trecchi.

No dia 19 e 20 de Maio, o Congresso Internacional de Música, no Palácio Vidoni, efectuando-se também um concerto de solistas com autênticos instrumentos de Stradivarius, no Teatro Ponchieli. Nos dias 28, 29 e 30 de Maio, congresso das sociedades italianas de concertos e revistas dos jovens concertistas nos referidos palácio e teatro.

Congresso Internacional de Violaria, nos 6 e 7 de Junho, no Palácio Vidoni-Soranzo. De 1 a 11 de Julho, grandes representações de opera lírica na praça da Catedral. Em 18, 19 e 20 de Setembro, grande reunião nacional folclórica. Em 26, grande concerto de violinos da antiga escola de Cremona no teatro Ponchieli.

Em 3 de Outubro, inauguração da Vitória de Calvatone sob o pórtico do Palácio dos Militi. Em 16 de Outubro, grande concerto de música sagrada na Catedral de Cremona com os antigos instrumentos cremonenses e o órgão do Inzoli.

Finalmente, em 28 de Outubro, inauguração da Escola e do Museu Nacional de Instrumentos de Corda.

Será êste encerramento das prolongadas festas ao mais famoso fabricante de instrumentos de corda, de que a Itália se ufana com justificado motivo.

Nessa altura ainda não se terão desvanecido os harmoniosos acordes do Concêrto na Catedral de Cremona, sob a direcção de Perosi.

Pensou-se, a príncipio, erguer um monumento à memória de António Stradivario, mas respeitando as idéias políticas do regime, que aconselham a preferir ao mármore frio obras de utilidade social, foi determinado instituir uma escola de instrumentos de corda em Cremona, a cidade que mais do que qualquer outra tem o direito de ostentar de novo o mais belo troféu da arte de violeiro. Junto desta escola surgirá o Museu de Violaria Moderna que será enriquecido por instrumentos antigos de grande estimação, ainda a existentes no Museu de Florença, e que conterá tambe os violinos que obtiveram prémios em exposições e concursos realizados periódicamente.

É assim que a cidade de Cremona comemora o seu famoso Stradivarius.

Lisboa — Em frente ao Terreiro do Paço

VIAGENS NA NOSSA TERRA

DE LISBOA A COIMBRA

QUEM de Lisboa sai pelo Rossio, mergulha logo na taciturnidade do tunel, que rasga o sub-solo pelos bairros da Glória e da Politécnica, pelo Salitre e pelas Amoreiras, convizinhando a Penitenciária por S. Patrício, e, percorridos dois mil e seiscentos metros, finda na Rabicha, junto à estação de Campolide.

Verão. Oito da manhã. Domingo.

Á esquerda, os Arcos das Águas Livres, sôbre a Serra de Monsanto. Á direita, o arrabalde, com o seu famoso Colégio dos Jesuítas, casarão de fábrica, pesando sombriamente na monotonia da paisagem. Um riacho — a ribeira de Alcântara — oliveiras dispersas, alqueives cortados de azinhagas, piteiras. E ventania...

O comboio avança. Sete-Rios, Laranjeiras, Rêgo, Entre-Campos... E a nova Lisboa alinha-se, esbelta, limpa, florida!

Duma sementeira de oiro, arrancado, com suor e sangue, a inóspitas regiões de África e do Brasil, aqui nasceu, radiosa, no último quartel do século XIX, ao claro sol estremenho, com o câmbio ao par, em doce paz octaviana, sob a égide da Guarda Municipal e a bênção do Núncio Apostólico, engrinaldada de rosas, virgem do sibilar das granadas — ferido sòmente o céu do revoar de pombas mansas.

Passamos Chelas, avistamos o Alto de S. João.

Braço de Prata. No rio, dorsos de grandes transatlânticos de carga. Ao lado da estação, canaviais e palmeiras rodeiam pequenas habitações. No cimo da colina, pinheiros abrigam velhos casais. E o campo continua a desdobrar-se em amanhadios e manchas silvícolas, até aos Olivais. Rebrilha o Tejo. Chaminés de fábricas anunciam Sacavém, a industrial.

Sôbre a ribeira o grande sifão das Águas Livres. A paisagem anima-se. E a água corre cantando, espertando a terra. A planície insinua-se para Odivelas e para Loures. É a famosa horta de Lisboa.

Ladeamos o Tejo. Entre ervaçais, toalhas de água. Na extensão das marinhas, como marcos de neve, faíscam pirâmides de sal.

O grande rio mede aqui doze quilómetros de largura. Na outra margem ficam Alcochete, Aldegalega, Moita, Barreiro e Seixal, na península de Setúbal, abrigada, sôbre a baía de Lisboa, pela serra de Palmela e pelos montes de Almada.

Póvoa de Santa Iria. Os mouchões são minúsculas ilhas, boiando na corrente.

Uma linda aldeia — Alverca. Como as casas, — tôdas caiadas — são nupciais!

Corre uma cortina verde-plúmbeo de negrilhos... E recomeça o campo adusto. A colina quebra-se, ramifica-se, distancia-se, e de novo se aproxima.

Alhandra. Grandes vinhedos cobrem tôda a bacia em que assenta a vila.

O Tejo serenamente deslisa, recebendo na margem fronteira, de Samora, de Santo Estevam e de Canha, o tributo do Almansôr.

Vila Franca. A brisa levanta vôo. Velas palpitam. E sôbre a esplêndida vista do rio, onde uma floresta de mastros se apruma, adivinha-se uma estranha quermesse, uma romaria pagã — tumulto festival, em que se confundem a rija gritaria do ribatejano das lezírias e a arrastada vozearia da gente de bordo, clangores de música, grazinar de bandeirolas, flamboiante drapejar de pendões. Entontece a côr e o perfume da terra e do mar...

O combóio arranca.

Ondulando, a colina abre pequenas enseadas de verdura. Num dos cerros, ruínas...

Um palácio ressai dum extenso parque, em visão cinematográfica. E a paisagem alarga, sôbre o fundo montuoso.

Carregado. Já nos separam do Tejo moitas de arvoredo. Relâmpagos de água cintilam na ténue renda florestal.

Atravessamos vastos campos, que de Alemquer, Atouguia e Ota, passando o grande curso fluvial, vão até Coruche e Benavente, acompanhando o Sorraia. Máquinas agrícolas trabalham com estridor.

Sucessivos planos de elevação escalam Montejunto, à esquerda. Nos contrafortes da serra as encostas estão cobertas de vinhedos. Até lá, quilómetros de planície onde pastam manadas de gado bovino e cavalar. Alveja uma pequena povoação com a sua pequena igreja.

Nas lombadas dos montes domina agora, só, o pinheiral; aqui e além, o pinho manso dá no bravio pinceladas de verde-limo. O macadame estria a nossa esquerda; casais, pequenos povoados nos saúdam. Junto à linha, renques de eucalipto — árvore exótica que, maravilhosamente aclimada, levanta a sua grimpa florida de norte a sul de Portugal.

Em Azambuja terminam as lezírias, que vimos sulcando desde Alhandra. Torna-se mais áspero o cultivo.

O Tejo afasta-se, entre franças verdes. Para além fica Salvaterra.

A oeste esporões, quási perpendiculares à culminância do relêvo, separam os vales de Aveiras e Pontevel, e roçam a via de flanco, em avançadas de sobreiral.

Valeiros. Vinhas.

Passamos Reguengo. No Setil entronca o ramal de Vendas Novas que liga com o caminho de ferro do sul, passando perto da foz do rio Mugem e cortando o Sorraia e o Almansor.

Santarem — Uma espera de toiros

Chegamos ao Vale de Santarém. Celebrou-o Garrett... Eis que o Vale se tornou clássico!

É um largo trecho de paisagem idílica, de maravilhosa perspectiva, vaporosamente irisada em luz assuncionante. Pelo milagre da leiva e das águas, as Tágides volveram a leziria nua em terno jardim, em doce lago oiriverdecente, sonhador e contemplativo.

Saüdosos, passamos a ribeira de Asseca, que se lança na vala de Azambuja, vindo de Rio Maior.

Á esquerda, o terreno sobe.

E, no alto, Santarém surge, como uma fortaleza inexpugnável, silenciosa e recôndita...

Suspensa do firme rocal, a sombra de Ibn-Errik, velando!

■

Ao partir de Santarém, como nos prende o rio!...

No espêlho das suas águas a cidade revive.

E tudo acorda no espírito cismador...

Desde Afonso Henriques, Nuno Álvares e D. João II, a Saldanha, Sá da Bandeira e Passos Manuel, o passado flutua.

Mas logo a visão ideal esvaece na tangível realidade; épicas façanhas e ingentes catástrofes em breve dizem menos à nossa sensibilidade do que o ciciar da aragem nos choupos ou o queixume dos salgueiros na corrente.

Uma ponte liga as duas margens do Tejo — feliz consórcio da graça do Vale e da violência da Lezíria.

A perder de vista, a planura, rica de searas, farta de vinhedo e de olivais, dilata-se até à serra de Almeirim...

Á volta da estação de Vale de Figueira, olivais frondejam. Aparece o carvalho heráldico, brazão da flora lusitana.

E a linha continua a abrir-se entre terras de semeadura, agora cortadas de montados de sôbro e de azinho, até alcançar o vale do Alviela que desce, por Louriçal e Pernes, da Mendiga.

Culminando, a mais de seiscentos metros, a Serra dos Candieiros fecha o horizonte, do lado do mar.

Léguas e léguas de campo formosíssimo!

Para leste, a lezíria vaga, intérmina; para oeste, ao sabôr dos cursos fluviais da Serra de Minde e da Serra de Aire, densos bosques, prados viçosos, deliciosos pomares; — nas árvores frondosas, nas vides enramadas e nas relvas tenras lateja a seiva num murmúrio de onda.

De repente — é um teatral fim de acto — cai o pano; um infindavel sobreiral cinge a linha...

Paramos em Mato Miranda. Dez minutos ainda, e reaparece o esplêndido cenário. Sucedem-se campos adustos. Sob êste tórrido calôr, a farta terra aluvial é semi-núa. Mas a angustiada solidão da savana, o vasto silêncio que confrange, logo inteiramente se dissipam num impressivo alegro pastoril. Estanceiam manadas de gado bravo; — com o seu pampilho ao alto, campinos galopam no plaino, como num arraial de combate.

Na fulva luz se vão espraiando os campos da Chamusca e da Golegã.

Á esquerda, o terreno acidenta-se, cobrindo-se de olival.

Chegamos à estação de Torres-Novas. Para os lados da vila, que fica a 7 quilómetros, uma várzea feracíssima.

A Serra de Aire contempla, orgulhosa, a sua creação magnífica! Através dos séculos, nos seus flancos a gerou; o humus corre à terra-chã pelas mil torrentes que, formando ribeiras, ao Almonda vêm confluir.

Afastamo-nos já do Tejo. A montante, ficam Barquinha, Tancos, Constância e Abrantes. Depois, Gavião; a seguir, Portas do Rodam, e logo a Espanha: — cento e vinte quilómetros à fronteira!

Chegamos ao Entroncamento. O combóio demora poucos minutos.

Os olivais alternam com as matas de pinho e sôbro. As piteiras, nos cómoros, agridem.

Lamarosa. Vinhas. E sempre — figueirais...

Pequenas elevações próximas ocultam a serrania. O alecrim, por toda a parte espontâneo, floresce.

Paialvo. Entronca o ramal que vai a Tomar, essa dôce e grave Tomar, em que tão harmoniosamente se ligam natureza e arte, terra onde frondejam as mais famosas oliveiras da Península, plantadas pelos Templários da nossa Reconquista, e onde o sol doira a mais linda janela de Portugal, trabalhada por artistas da nossa Renascença.

O ínclito Infante, que alumiou as suas vigílias de Sagres com azeite de Santa Maria dos Olivais, fez da riqueza dêste torrão bendito a grandeza da Nação, abrindo-lhe, pelas Descobertas, o senhorio do Mundo.

Nos outeiros, festejando a abundância das veigas, os moinhos lêdamente bracejam...

Depois, são chapadas de calcáreo, onde, em terra escassa, a oliveira ainda vegeta. Firmes raizes penetram o solo, rompem o rochedo aflorante.

Cabouqueiros batem rijamente o mármore das pedreiras.

O calôr aperta, ardem canículas; e o ceu, ao alto, mal define em azul a pardacenta côr de entre olival e fraguêdo.

— Há algum rio perto? pergunto a um companheiro de viagem que entrou na última estação.

— Há uma ribeira, afluente do Nabão. Passa a dois quilómetros.

Coimbra — Vista geral

E logo, á direita, um golfo fantástico se recorta, no nevoeirosinho que sobe, imerso em luz doirada. Uma aldeia boia feéricamente na massa palpitante do ar, das águas, da verdura, sob o céruleo esplendôr.

A ocidente, um outeiro opõe um marco de encantamento ao Oceano, aproando no horizonte como uma fantástica galera.

Flamejante, o sol desce...

Carvalhais destacam, na sua côr verde-bronze. Várzeas, paúis, povoados. Distante, Vila Nova de Ourém.

Á volta de Chão de Maçãs, a frescura dos milharais...

Atravessando o túnel, subindo na divisória das águas do Tejo e do Mondego, é Caxarias e as suas fábricas de serração.

Cigarras zunem a sua canção ardente. Abelhas doiram a atmosfera vibrante. E as cegonhas de rega erguem o seu bico sequioso...

Na abafada carruagem, uma senhora, que vai para a Figueira da Foz, consola a filhinha:

— Sossega! Ainda hoje veremos o mar!

Assim a esperança corrige mesmo o calor dos trópicos...

Sôbre a via-férrea, pinhais fechados. Depois, manchas de olivedos, pequenos soitos de carvalho, azinho e sôbro. Queiró, magoriz, tojos, fétais...

Vermoíl. A povoação fica à esquerda. Sêco, um leito fluvial. Mas há milharais vicejantes, vinhas, olivêdos. As colinas são, até meio, vestidas de azinheiro. Nos cimos, pinhal. Em fila, nas baixas, os choupos marcam linhas de água. Nespereiras, macieiras, nogueiras anunciam belos pomares.

É Pombal que chega. Á raiz dos montes espalha-se a vila, enobrecida pelo seu castelo.

De Lisbôa ao Porto o caminho de ferro segue, como num grande vale de trezentos e cincoenta quilómetros, ràramente angustiado.

Sucedem-se agora pinhais entre terras de amanhadio. Rega-se de poços, a braço. Nos milharais, exangues, as lanceolantes folhas enroladas erguem súplicas vãs à fecundante bandeira que emurchece.

A leste, a Serra de Sicó. O rio Arunca corre paralelamente à via-férrea.

Vasta campina, desde a Senhora da Estrêla a Tapéus. Serena, toda equilíbrio, em tons médios, graciosa, a paisagem acalma.

Soure respira doçura, intimidade, enlêvo. Junto da estação lindas, árvores de fruto. Entre elas, laranjeiras, tão formosas como as de Vila Franca, Santarem e Entroncamento. É realmente Portugal um jardim, à beira-mar plantado...

Fumegam casais na longa colina, sombreada de carvalhos.

Vila Nova de Anços. Passamos de novo o Arunca. A várzea alarga-se, espraia até às elevações de oeste. Sobranceiro, Montemór-o-Velho, com o seu histórico castelo...

Santarem — Ponte sôbre o Tejo

Em Alfarelos inflectimos para nòrdeste. Vamos atravessar os campos do Mondego.

No oiro fulvo da tarde a planície morna reverbera lassidão. Sôbre as valas frescas, vimes e salgueiros abraçam-se. Todas as ramarias estremecem em zoeiras de luz voluptuosa.

Adivinham-se ninfas nadando na corrente; a brancura láctea dos seus corpos palpita na linfa viva; o flavescente girasol dos seus cabelos despreende estrêlas na neblina aquática.

Mas a voz cristã de um sino vibra...

Já um éfebo refoge do abraço da dríade que pela cinta o abarcava. Semi-núa, Diva afasta os olhos do cristal fúlgido das águas, cobrindo os rijos peitos de suas mãos trementes. A seus pés caem festões de rosas... Os faunos e os gnomos penetram na espessura dos bosques, e espreitam, receosos, de entre as franças do arvorêdo.

E a brisa do mar varre o azul dos ceus...

Enfeitando casais, coroando dôces colinas — loureiros, olmos, freixos, acácias, olaias. Sob plátanos, portões verdes de quintas.

E os choupos correm na planura, como flâmulas de oiro solar!

Formoselha, Pereira, Ameal, Arzila, passam, revendo-se numa vastidão luminosa de laguna.

Depois, é a estação de Taveiro, entre eloendros e ciprestes, toda afogada de glicínias.

E logo, Casais, Bemcanta, S. Martinho...

Sôbre o Mondego debruça-se o Choupal, rumoroso de gorgeios.

Entrando a Ponte, rasga-se nas altas frondes uma clareira...

E, flôr de maravilha, Coimbra desabrocha na visão panorâmica do rio!

LOPES D'OLIVEIRA.

O INFAME ATENTADO CONTRA O CHEFE DO GOVERNO

Os membros do Govêrno com o sr. dr. Oliveira Salazar durante a manifestação do povo de Lisboa contra o criminoso atentado tenebrosamente planeado contra o sr. Presidente do Conselho — Em cima: O chefe do Govêrno, à janela da sua residência, agradece a entusiástica manifestação

Um aspecto da grandiosa manifestação em frente da residência do sr. dr. Oliveira Salazar, em que o povo de Lisboa patenteou a sua repulsa pelo criminoso acto, salientando, mais do que nunca, a sua fé nos destinos da Pátria — Em baixo: Os bombeiros trabalhando na caixa de entrada para o cano de esgôto na Avenida Barbosa du Bocage em que explodiu a bomba — A' direita: Uma das sarjetas rebentadas pela violência da explosão

O 7.º centenário de Berlim

As Portas de Brandeburgo (estado actual)

A cidade de Berlim vai festejar o seu 700.º aniversário ostentando tôda esta vetustez sôbre os modernissimos alicerces da civilização aperfeiçoadíssima que nada tem já de guelfa nem gibelina, a-pesar-de ter sido gisada sob estas influências. E' certo que o Vaticano não exerce hoje as represálias do século XIII, e, conquanto não sejam amistosas as relações do Reich com a Santa Sé, sempre são mais cordiais que nos tempos de Inocêncio III.

Um dos monumentos de que Berlim se orgulha é o que apresenta as portas de Brandeburgo, construídas no período em que a França se debatia nas suas convulsações revolucionárias, assombrando o mundo com o seu gesto.

A construção começou em 1789 e terminou em 1793, tomando por modêlo o Propileu de Atenas. Tem êste monumento 26 metros de altura por 62,50 de largo. As portas são formadas por cinco aberturas que colunas dóricas separam, sendo coroadas pela quadriga da Vitória.

Por aqui se avalia o orgulho prussiano e a sua ardente fé nos seus destinos.

Calcule-se a aflição do povo da Prússia, quando Napoleão no seu regresso da campanha que desencadeara neste país, achou interessante levar para Paris como recordação do seu feito as famosas portas de Brandeburgo que para os berlinenses tinham o valor de um símbolo sagrado.

O côrso sabia ferir os seus vencidos no ponto mais sensível.

Se não carriou com as pirâmides do Egipto para a sua quinta da Malmaison é porque lhe escassearam meios de transporte. Do contrário, as mirradas múmias dos faraós acordariam, um belo dia, em pleno Montmartre ou no Bosque de Bolonha ante milhares de pessoas que os iriam admirar a 30 *sous* por cabeça.

Decorreu meio século sem que os prussianos se consolassem da perda das suas portas de Brandeburgo. Quando se deu o desfecho da guerra franco-prussiana, o primeiro cuidado de Bismak foi fazer regressar a Berlim o estimado monumento que foi colocado no seu antigo lugar com tôdas as honras entre as frenéticas aclamações populares.

Calcule-se que, em 1918, quando a Alemanha foi forçada a capitular, ia avante o plano do marechal Foch que queria que o tratado de paz fôsse assinado em Berlim, nas mesmas condições em que fôra assinado em Paris o tratado imposto pelo Chanceler de Ferro...

O que teria acontecido? As portas de Brandeburgo lá tinham de voltar para a capital francesa até que, um dia, a Alemanha tivesse possibilidades de as ir buscar novamente.

Não deixaria de ser engraçado ver êste monumento transformado em *camisola amarela* de corredor ciclista, passando para um, ora para outro, consoante o avanço das suas arremetidas.

Como tudo se modifica com o tempo!

Em pleno século XVIII, Berlim foi o asilo seguro e conchegado de mais de sete mil refugiados protestantes franceses. Nessa altura, franceses e alemães abraçaram-se efusivamente sem reservas nem rancores!

Berlim era uma capital tão acolhedora como qualquer das cidades da modelar Suíça.

É certo que nesse tempo não havia ainda o monumento das portas de Brandeburgo para roubar, e o aventureiro côrso ainda andava na massa dos impossíveis. Não refervia, então, o anseio da desforra de Sédan, nem se planeava a restituição da Alsácia e da Lorena.

Vem a propósito dizer que, um dia, encontrando-se na Alsácia um grande marechal prussiano, falou-se no fino espírito e bom gôsto dos franceses que da coisa mais banal seriam capazes de fazer uma preciosidade graciosa.

As Portas de Brandeburgo (estado primitivo)

Contestava o marechal êste elogio que considerava exagerado, e passava ao mesmo tempo a mão papuda pela barba que lhe cobria o peito. Como lhe ficasse um dos cabelos agarrado aos dêdos, o marechal estendeu-o com todo o cuidado, e disse para o seu antagonista:

– Aqui tem um cabelo da minha barba. Para que serve isto? Nada mais banal. Que um artista francês, dêsses que você tanto elogia, faça disto qualquer coisa de gracioso!

Dias depois, era exposto o pêlo da barba do marechal prussiano, nestas condições:

Uma águia em prata, simbolizando a Alemanha, tinha pendentes no bico duas esferas de prata que representavam a Alsácia e a Lorena, e presas pelo cabelo cabelo dado pelo marechal. Como legenda tinha apenas esta frase lacónica, mas bem compreensível: *Por um fio...*

Com efeito, tempos depois, o cabelo quebrava-se e as duas queridas províncias da França voltavam ao seu primitivo dono.

Isto não quere dizer que o prussiano não tenha a noção do direito. E' bem conhecida a história do moleiro de Sans-Souci que, ante a insistência do imperador Frederico, o Grande, em lhe querer tirar o moínho em que trabalhava, embora o indemnizasse, resistiu soltando a famosa frase: «Ainda há juízes em Berlim!»

E levou ávante o seu propósito que até o imperador aplaudiu.

Pois a cidade de Berlim, de tão belas tradições, vai festejar o seu 7.º centenário...

Vue de la façade extérieure de la Porte de Brandebourg à Berlin. | *Ansicht der äussern Seite des brandenburger Thors zu Berlin.*

Galantarias do «belo Armando»

NOS TEMPOS DE LUIZ XV

Quando as Mulheres se batiam em duelo

às ordens de Sua Majestade o Amor

ERA de tarde, uma dessas tardes luminosas e quentes de outono, repletas duma doçura amorosa, que desanuviam o espírito e despertam no coração a alegria de viver... e o desejo de amar.

Uma badalada sonora ecoou no espaço, ou melhor: a voz de bronze dos sinos das igrejas do bairro de S.to António fez saber aos bons parisienses, subditos de Sua Majestade Luiz XV, que já sessenta minutos haviam decorrido depois do astro-rei, na sua glória máxima, ter atingido o zenith.

Ouviu-se, ao longe, o tilintar de guizos dos cavalos dum côche.

O embaixador dum soberano ainda mais poderoso que o rei de França ia chegar, num carro dourado e armoriado, ao trote de dois vigorosos alazões...

Qual soberano?

Sua Majestade o Amor, muito dignamente representado na pessoa dum seu nobre e fiel vassalo...

Um sumptuoso côche rolou, pesadamente, nas pedras da calçada e veio deter-se em frente de um dos prédios. A portinhola abriu-se de repelão, e um elegante gentil-homem, envolvido num capote de veludo negro, com o tricorne carregado sôbre os olhos, apeou-se dum salto. Em seguida, tirando do bolso do calção uma minúscula chave de ouro prêsa a uma cadeia do mesmo metal, abriu a porta da moradia, e desapareceu.

Os vizinhos e os transeuntes trocaram entre si um sorriso malicioso e discreto...

Os burgueses de Paris conheciam demasiadamente aquela personalidade; sabiam bem qual o género de vida do belo duque de Richelieu (assim se chamava o embuçado) para ignorar o motivo que o trazia à pequenina casa — Citera em miniatura na rua de S.to António.

Richelieu! O que êste nome significava!... "Um herói de guerra e de amor; o filho mais velho de Marte e de Vénus», — como então se dizia na afectada e graciosa linguagem dêsses tempos.

Richelieu, era o protótipo dêsses *viveurs* da Regência, tão libertinos como requintados, que, nem mesmo no meio dos maiores excessos, abandonavam as suas atitudes elegantes e maneiras palacianas.

Richelieu... o ídolo das mulheres, o sol, junto do qual todas elas — quais loucas borboletas — vinham queimar as asas!... Numa palavra, enfim, a perfeita incarnação do D. João de Molière!

A porta da casa ficara entre-aberta, docemente entre-aberta, sinal de que o jovem amoroso esperava alguém...

— Quem será — comentavam na rua, os vizinhos servindo-se duma frase preciosa e galante — a vítima hoje imolada no altar de sacrifícios dêste templo do Amor?

Mas... deixemos os burgueses, e voltemos ao duque, ao "irresistível Armando», como as lindas francesas chamavam a êsse leviano e infiel génio da conquista.

Uma vez lá dentro, num gesto rápido, o moço Richelieu desembaraçou-se do capote de veludo e do tricorne agaloado e dirigiu-se a um dos magníficos espelhos de Veneza que ornavam a sala, a fim de compor os caracóis da cabeleira empoada.

Uma muito formosa e sedutora figura veio reflectir-se na superfície do cristal.

O corpo alto e esbelto, admiràvelmente bem proporcionado, os olhos, meigos e brilhantes, ora repassados de melancolia, ora animados pela malícia, o nariz aquilino, a bôca pequena e rubra como uma cereja e a tez duma frescura deslumbrante faziam, na verdade, de Armando de Richelieu a viva imagem de Adónis.

O vestuário do duque era uma maravilha de sumptuosidade e bom gosto, como de resto, todos os trajos dêsse príncipe das elegâncias requintadas: calção e redingote de veludo azul guarnecido de alamares e botões de oiro; véstia de setim branco; punhos e bofes de preciosas rendas de Alençon, meias de seda e sapatos de fivela. Uma profusão de brilhantes cintilava nos dedos, no peitilho, nos fechos das ligas e nos copos da espada, a qual mais parecia uma jóia, um brinquedo, do que um instrumento de morte.

Depois de se ter examinado, ou antes inspeccionado, durante alguns momentos, ao espelho, Richelieu deixou-se cair, soltando um suspiro de satisfação, numa grande poltrona, e olhou complacentemente em redor.

A arte e a riqueza dominavam ali. Tecto de amores, móveis de Boule, estofos de damasco, tapeçarias de Aubusson, quadros de Watteau, bronzes, mármores e *bibelots* do mais fino Saxe.

Mas, o mais curioso ornato da sala, o que valera àquêle *boudoir* a denominação de "*Gabinete de Barba Azul*», era a interessantíssima colecção de retratos de mulher, que cobria as paredes.

Ao encetar a sua carreira de conquistador, o "irresistível Armando» tivera uma ideia original, própria do seu século, êsse século fútil e galante, em que o prazer, sob a efígie do nédio e rosado deus Cupido, reinava em senhor absoluto: mandar retratar por um artista de talento, as belas que por maior espaço de tempo conseguissem prendê-lo na cadeia amorosa dos seus braços, para que alguma coisa mais real e durável que as passageiras imagens baralhadas no vórtice duma memória em fogo ficasse daquelas aventuras.

Assim, tôdas as vezes que olhava os retratos do *boudoir*, o duque revia mais nítido o seu amoroso passado. E, êsse perigoso D. João de vinte e quatro anos, tinha já um passado que daria volumes a um escritor!

Uma apresentação em casa do marechal – duque

Estava-se no século em que as mulheres amavam "com a cabeça e não com o coração», e, por isso mesmo, talvez, já tantos retratos se achavam reünidos naquele *boudoir*.

Entre muitos, viam-se o da princesa Adelaide, mãi de Luís XV, a primeira mulher que êle admirara — admiração essa, que embora estritamente platónica, lhe valeu alguns meses de prisão na Bastilha — o da encantadora madame Michelin, a única página triste da sua existência de *viveur*; o da voluptuosa duquesa de Berry, filha do Regente; o de Mademoiselle Charolais, prima do rei, deliciosa princesinha dos contos de fadas; o da olímpica duquesa de Villars, esposa do marechal do mesmo nome, de quem fôra *chevalier servant*, depois de ter sido ajudante de campo do marido; o da trigueira e espirituosa marquesa de Parabère, o "pequeno côrvo negro», como lhe chamavam na côrte, sultana favorita do harém de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente; o da linda madame de Sabran, perturbadora huri do mesmo aristocrático serralho; o da irresistível Júlia, maravilhosa intérprete da divina arte de Terpsícore; o da sensual e erudita madame de Tencin, uma das mais tentadoras sereias de Paris; o da fascinante Aglae de Orleans, irmã de Madame de Berry, por causa de quem visitara, pela segunda vez, a célebre prisão de Estado. E, como estas, quantas, quantas outras!...

Lá fora bateram as duas horas e um quarto. Armando de Richelieu ergueu-se da profunda poltrona e chegou à janela, a-fim-de ver se enxergava a marquesa de Nesle — o objecto da sua chama (ainda uma frase graciosa e alambicada de então). Ninguém! Despeitado, o duque amarrotou as rendas do peitilho num movimento de impaciência.

Não era que êle esperasse nervosamente, ansiosamente, o momento feliz de caír nos braços da formosa Nesle. Pelo contrário, essa cadeia já começava a pesar-lhe um pouco... mas é que escrevera à marquesa indicando-lhe uma entrevista para as duas horas, e enviara também uma perfumada missiva à lindíssima condessa de Polignac, marcando-lhe, ali mesmo, um *rendez-vous* às seis da tarde. E o ardente amoroso receava, em vista do atrazo da marquesa, não ter tempo de receber, sucessivamente, as suas adoradoras duma maneira condigna...

Pobre Richelieu!... Pior ainda do que êle temia, ia suceder...

Sentiram-se passos na escada e o ruge-ruge de vestidos de seda. Uma vaga de perfume chegou até ao *boudoir*.

D. João Richelieu levantou-se, com um sorriso encantador nos seus lábios côr de rosa, avançou ao encontro da dama que subia.

A porta da sala abriu-se, e, não uma figura feminina, mas duas: *a marquesa de Nesle e a condessa de Polignac* apareceram, vermelhas de cólera, trocando mùtuamente olhares furibundos, prestes a lançar-se sôbre o traidor, como as fúrias de Aretino. O "irresistível Armando», na presença das duas amantes!

Um galã dos tempos modernos teria perdido todo o aprumo e acabaria por fugir, a tôda a velocidade, pela escada abaixo.

Mas o duque pertencia ao género D. João Tenório, e os homens de tal espécie não se alteram por tão pouco.

Após uns breves instantes de reflexão, compreendeu que o incidente fôra sem dúvida motivado pela sua distracção habitual, que o levára a cometer o equívoco de indicar nas duas cartas a mesma hora de *rendez-vous*, às suas apaixonadas, e decidiu empregar todos os esforços para saír com elegância dessa situação embaraçosa.

Com um tacto e *savoir-faire* inimitáveis, Armando de Richelieu recebeu a condessa e a marquesa muito cerimoniosamente, como se tratasse apenas dumas simples visita de cortezia, próprias entre pessoas da mesma sociedade, e fez-lhe as honras da casa o mais galantemente possível de modo a evitar que a tempestade ali se desenrolasse.

Uma vez as nobres visitantes reconduzidas às suas cadeirinhas — preciosos guarda-joias de talha dourada e cristal, acolchoados a setim azul celeste — o infiel conquistador respirou a fundo, julgando o incidente terminado a bem.

Puro engano!

Nem uma nem outra das belas ofendidas possuia essa tempera acomodatícia, e o dia chegara em que as filhas de Eva mostrariam aos descendentes de Adão que, nas rivalidades de amor, o oprimido sexo fraco seria capaz de se desafrontar tão corajosamente no campo da honra como o exaltado sexo forte.

Tanto a marquesa de Nesle como a condessa de Polignac, atiravam admirávelmente á pistola. Aquela cena de comédia ia ter um desenlace dramático.

Ao chegar ao seu palácio, madame de Polignac, encontrou uma carta da Nesle, redigida nêstes termos:

Minha senhora

Uma de nós tem de morrer, e a senhora será a última das mulheres se não comparecer amanhã, ás seis horas da tarde, no bosque de Bolonha com as suas pistolas.

Nesle.

O cartel da histérica Nesle, não ficou sem resposta da altiva Polignac. No dia e hora indicados, as duas rivais, elegantíssimas nos seus trajos de duelo, redingote masculino, saia de amazona, bofes de renda, e minúsculo tricorne em veludo negro, encontravam-se, frente a frente, numa clareira do bosque.

Era uma paisagem deliciosa, em tudo semelhante a essas que os pintores de então reproduziam nas suas cenas pastoris.

O duque de Richelieu — busto em terra-cota do Museu de Nevers

E, nesse cenário de idílio, duas mulheres, desvairadas pelo ciúme, iam bater-se em duelo por amor dum homem!

Terrivel deus Cupido? Feliz Richelieu!...

Madame de Polignac mostrava-se calma como se estivesse numa sala de armas, ao contrário da marquesa de Nesle que, sufocada pela ira, demonstrava ter perdido completamente o sangue-frio.

Trocaram-se os cumprimentos de estilo.

— Atire em primeiro lugar — disse a Polignac e não erre o alvo se quer sair daqui com vida!

— Oh! Não erro, não! — replicou a antagonista, rangendo os dentes e esfusiando cóleras no olhar — Vou alvejar êsse peito tão vil!

— E' mais firme que o teu! — replicou impertinentemente a condessa de Polignac — Richelieu que o diga!

Louca de furor, ao receber esta vergastada em pleno rosto, a marquesa disparou a pistola.

Porém, a mão tremia-lhe convulsivamente, e a bala foi perder-se de encontro a uma árvore.

— Pouca prática e muitos nervos — comentou sarcasticamente a condessa. E, acto contínuo, serena, friamente comprimiu o gatilho, e fez fogo.

A bala roçou ao de leve a cabeça da antagonista, e, embora o ferimento fôsse ligeiro, madame de Nesle caiu banhada em sangue.

De pé, na atitude duma amazona vitoriosa, a bela Polignac, com a pistola fumegante ainda em punho, contemplou desdenhosamente por instantes, o corpo inanimado da sua rival.

— Recebeste a lição que merecias. De futuro reflectirás antes de te arriscares a rivalizar com uma mulher como eu!

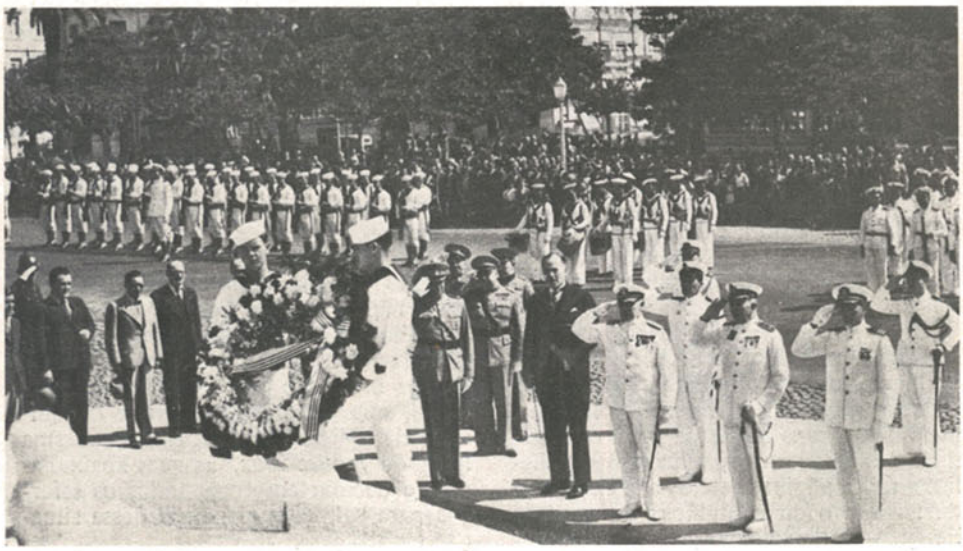
Em seguida, deixou o *campo de batalha*, meteu-se no seu coche armoriado, mais altiva e majestosa que uma rainha.

Ariosto, ao escrever o seu imortal poema "Orlando Furioso» nunca imaginou que, dois séculos mais tarde, as suas heroinas, Bradamante e Morphiza, encontrariam tão renhidas imitadoras entre as aristocratas da França.

EUNICE PAULA.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O novo ministro da Holanda, em Lisboa, sr. John Sillem, à saída do Palácio de Belém, onde fez a entrega das credenciais ao sr. Presidente da República. À cerimónia assistiram também o sr. dr. Oliveira Salazar, ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador Teixeira de Sampaio, comandante Jaime Atias, general Amílcar Mota, comandante Hivar, capitão Afonso dos Santos e tenente Carvalho Nunes



Tendo chegado ao Tejo o cruzador «Raleigh», a Armada norte-americana prestou homenagem aos portugueses mortos na Grande Guerra. A fotografia acima mostra os destacamentos americano e português em parada em frente do monumento, no qual o almirante Fairfield depôs uma coroa de flores com esta legenda: «Aos portugueses mortos na Guerra Mundial — A Armada dos Estados Unidos da América do Norte. — Lisboa, Julho de 1937»

O sr. ministro da Marinha recebendo a visita do almirante americano Fairfield que a bordo do «Raleigh» veio visitar Lisboa. A entrevista durou um quarto de hora, tendo o sr. ministro da Marinha, Ortins de Bettencourt, manifestado a sua satisfação por vêr um navio norte-americano no Tejo. Os visitantes foram depois recebidos pelo sr. contra-almirante Mota e Oliveira, major general da Armada

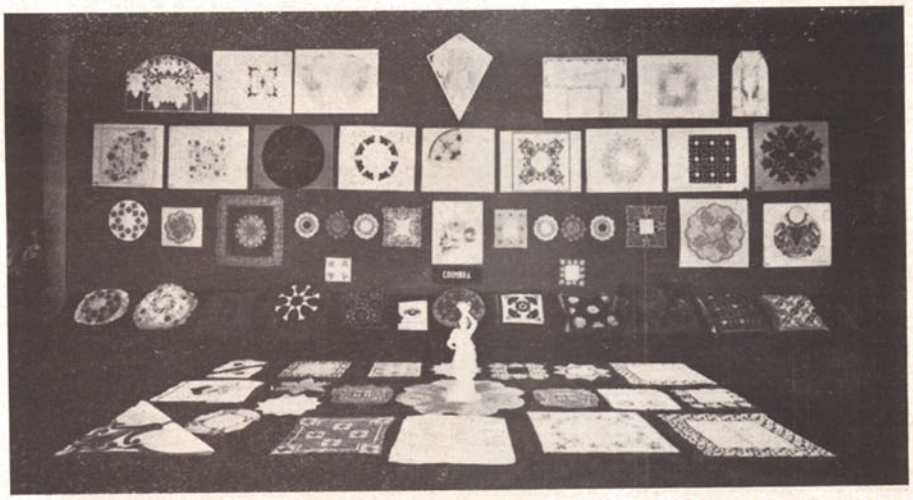
O *Te Deum* celebrado na Igreja matriz de Cascais, promovido por uma comissão de senhoras, a que presidiu a sr.ª D. Cesaltina Carmona da Silva e Costa, filha do sr. Presidente da República, em acção de graças pelo malôgro do atentado contra o sr. dr. Oliveira Salazar. Presidiu à cerimónia o reverendo Moisés da Silva, auxiliado pelo padre Luiz Rosseti. Na assistência vê-se também a esposa do Chefe do Estado

Um aspecto do banquete de homenagem ao sr. capitão Roque de Aguiar, comandante distrital da «Legião Portuguesa». A festa realizou-se no salão do Grémio Alentejano, tendo presidido o sr. dr. Costa Leite (Lumbrales). Na mesa da presidência viam-se, entre outros, os srs. coronel Namorado de Aguiar, comandante Fostée Rebelo, dr. Augusto de Oliveira, conde de Monte Real, major Lamas, 2.º tenente Tenreiro, major Francisco de Castro, tenente Lebre representando o sr. governador civil. — *À direita*: um aspecto da manifestação de protesto pelo odioso atentado contra o sr. Presidente do Ministério. O entusiasmo da multidão patenteou a repulsa que o povo português sentiu por êsse criminoso acto urdido tenebrosamente por mentes sem qualificação

A Exposição das Artes Coimbrãs

No Salão de *O Seculo* foi inaugurada pelo sr. Presidente da República a Exposição das Artes Coimbrãs que despertou grande interêsse, não só no nosso meio artístico, mas em todos os que se prezam de deliciar os olhos em belezas de arte.

Coimbra, sendo o grande centro intelectual de primeira grandeza, pode também orgulhar se de ser o meio em que as artes e as indústrias florescem mais prodigiosamente. Nas gravuras que ilustram esta página vemos: em cima, o Chefe do Estado assinando o Livro de Honra da Exposição; à direita, um aspecto da Exposição apresentando dezenas de documentos eloquentíssimos do engenho e inspiração dos artistas conimbricenses; ao centro, um trecho da exposição de cerâmica coimbrã popular; em baixo, o sr. Presidente da República, com os srs. ministros da Justiça e da Educação Nacional, e outras entidades, inaugurando a Exposição. Se alguém pudesse ter dúvidas da actividade artística de Coimbra, nada mais teria a fazer do que visitar êste tão interessante quão oportuno certame



Baixo-relêvo que figura no pedestal da estátua de D. José

TEMP PASSADO

A estátua de D. José

e as ruïdosas festas da sua inauguração

CONQUANTO se tenha falado imenso na estátua equestre do Rei D. José, mandada erguer em pleno Terreiro do Paço pelo Marquês de Pombal, ainda ficou muita coisa por dizer.

Veio parar-nos agora às mãos um documento curioso que merece ser divulgado, e trata da descrição do delicado pedestal onde está colocada a estátua.

Diz êle:

"Por seis degraus de cantaria se sobe a um plano, cuja superfície tem 72 palmos de altura, 38 de comprimento e 37 e meio de largura, tendo os cantos cortados em figura de cruz.

"Nos dois braços estão dois grupos de excelente escultura, tendo as figuras as faces voltadas para o rio.

"O grupo que fica à direita representa o Triunfo, tirando pelas rédeas um cavalo que atropela um prisioneiro de estatura gigantesca; e o que fica à esquerda representa a Fama com um elefante que pisa outro prisioneiro de igual estatura; e em vários grupos estão espalhados vários despojos de guerra.

"Algumas pessoas notaram que êste elefante não tem a corpulência natural dos animais da sua espécie, pois mostra diferir mui pouco do tamanho do cavalo que lhe fica do outro lado, porém, como o artista visse que o elefante, sendo da sua natural grandeza, faria êste grupo de maior volume que o do lado oposto, para salvar a deformidade e crítica, o esculpiu de pouco tempo de nascido.

"A alegoria dêstes dois grupos mostra que Portugal, em diversos tempos, tem tido muitos e gloriosos triunfos, principalmente nas duas partes do Mundo designadas pelo cavalo e pelo elefante.

"De entre êstes grupos nasce o pedestal, lançado para a frente do Tejo, e que tem de altura 32 palmos, de comprimento e 27 de largura 18; as duas faces a que se encontram os grupos são planas, e a frente e revez convexas.

"Na frente dêste pedestal estão relevadas as armas reais de Portugal, e pendente delas um medalhão com a efígie do Marquês de Pombal.

"Na face que olha para a cidade se vê um painel de baixo relêvo, e nêle a Generosidade Régia representada em uma mulher que, com a coroa na cabeça e vestes reais, desce dum trono, na acção de dar a sua protecção à cidade de Lisboa que se figura em uma mulher desmaiada, encostando a mão esquerda a um escudo com as armas da cidade. Tem a generosidade, junto a si, um leão, que é o seu símbolo.

"Ao lado esquerdo aparece um varão armado de lança, tendo na mão um ramo de oliveira, pelo qual denota o Govêrno do Reino em acção de querer levantar a cidade abatida.

"Um génio coroado de louros e de uma estrêla, e com três coroas igualmente de louros na mão esquerda, representa o amor da virtude; com a mão direita pega no braço do Govêrno, e guia-o à presença da Generosidade Régia, a quem inculca os intentos que êle tem de levantar a cidade.

"Parece a Generosidade aprovar o desígnio, e com a mão esquerda lhe marca o sítio da reedificação em colunas e mastros; e com a direita lhe aponta os meios com que pode ir àvante: que são pelo comércio, providência humana e arquitectura. O comércio é personalizado em um varão ricamente vestido, que, ajoelhado, oferece à Régia Generosidade um cofre aberto com imensas riquezas, e junto os símbolos que o designam: a cegonha e as mós de moinho. A providência humana está representada em uma mulher coroada de maduras espigas de trigo, sustentando na mão um leme e duas chaves; e, como falando com o comércio, lhe mostra a arquitectura representada em outra figura de mulher que segurando com a mão direita no esquadro e no compasso, apresenta a planta da cidade para guia da reedificação».

Segue-se a notícia acêrca da estátua equestre, citando a sua inauguração e as imponentes festas realizadas por êsse motivo.

Diz assim:

"A estátua equestre foi fundida duma só peça pelo insigne artista Bartolomeu da Costa, homem de génio tão empreendedor como raro, o que verificou com muitas invenções e maquinismos aplicados às artes, e nesta ocasião inventou um novo instrumento para tomar as dimensões da estátua, sendo tal o seu engenho e ajustado cálculo que se serviu do mesmo forno em que dantes fundia a artilharia, para derreter 630 quintais de metal, que faz 2.520 arrôbas ou 80.640 arráteis, o que importa, só de pêso, 23.893.000 réis ou cinqüenta e nove mil cruzados, duzentos e noventa e dois mil réis.

"Gastou o metal a derreter o tempo de 28 horas, e encheu a fôrma em oito minutos.

"Tendo decorrido o tempo preciso para se aprontar a máquina que devia transportar a estátua, e outra para a levantar, tanto no sítio da sua fundição no Arsenal como no lugar da sua colocação, se tratou de a conduzir para a Praça do Comércio.

"No dia 20 de Maio de 1775 se tirou a estátua, do Arsenal do Exército, para uma zôrra tôda fechada de madeira, com um letreiro dourado, em latim, que, em português, queria dizer: "A nuvem não cobre o sol». No dia 27 do mês de Maio foi colocada sôbre o referido pedestal, entre os aplausos dum povo inumerável, a grande estátua do Senhor Rei D. José I, que, montada sôbre um soberbo e elegante cavalo e vestida de armas brancas, empunha na mão direita o ceptro, e com a esquerda toma as rédeas do cavalo. Tem de alto 31 palmos e meio.

"As cobras, e silvados que estão espalhados pelo monstruoso terreno que o cavalo pisa, são alusões aos grandes embaraços que se venceram para a reedificação de Lisboa.

"Desta estátua se cunharam muitas medalhas de ouro e prata.

"As funções públicas por êste motivo foram tantas, e de tão variado gôsto, que a sua narração daria um extenso artigo, bastando mencionar as iluminações nas primeiras três noites depois da inauguração da estátua que foram as mais ricas e vistosas. Entre elas mereceram distinta contemplação a que mandou erigir Anselmo José da Cruz Sobral.

"A Praça do Comércio estava iluminada com mais de 28.000 lumes, fora os que ardiam nos lustres pendurados na sua extensa arcada.

"Entre as muitas funções públicas que se fizeram por tôda esta Capital, nesses três dias 6, 7 e 8 de Junho, é muito curiosa a que se celebrou à custa do Senado e povo de Lisboa, e que foi no segundo dia. Veio a real família para as janelas que lhe estavam destinadas na mesma praça; e principiou a grande festa de tarde pela entrada na mesma praça de oito carros triunfais, e danças que os acompanhavam.

"O primeiro carro representava o Templo da Memória.

"O segundo, a América, acompanhado da dança das curraleiras.

"O terceiro, a África, com a dança das regateiras.

"O quarto, a Ásia, com a dança das hortelôas.

"O quinto, a Europa, com a dança das colarejas.

"O sexto era o carro de Apolo.

"O sétimo, o do Oceano e Tétis.

"O oitavo, o de Portugal, e era o mais rico de todos.

"E assim se encheu a tarde com estas danças, e saídas de carros, continências e músicas.

"Ás Avé-Marias tornou-se a iluminar a Praça, sendo lançado um grande e vistoso fogo de artifício que levou parte da noite.

"Acabado o fogo, passaram Suas Majestades e Altezas à sala grande da Alfandega, onde estava disposta uma magnifica e esplêndida função.

"Tem esta sala 223 palmos de comprimento por 96 de largura. A sua maior extensão achava-se dividida em 19 cariátides, por banda, que sustentavam o tecto.

"Os bustos destas cariátides eram prateadas, e as serpentinas douradas; pelos lados se fingiram portas e janelas, dum esquisito lavor

"Tinha a sala 14 tremós por cada lado, 28 placas grandes, 69 serpentinas de prata, de quatro lumes, 112 de três lumes, e pendiam do tecto, além disto, 48 lustres de cristal.

"Por tôda a largura se fez um grande coreto para a música, sendo chamados os mais insignes músicos de cantoria e instrumentistas. Executou-se a grande serenata, em italiano, intitulada *L'evoé coronato*, cujo desempenho foi gratificado por vinte peças de 6.400 réis a cada uma das vozes, e quatro a cada um dos instrumentistas. A música foi composição de David Peres, a quem se deu 412 800 réis.

"No fundo da sala, foi, levantada uma tribuna para a real família que assistiu todo o tempo da serenata, e depois se retirou.

"Na sala imediata estava preparada uma grande ceia. O lado esquerdo da mesa representava um grande lago em que nadavam diferentes embarcações, e o resto da mesa era guarnecido de árvores e figuras, etc. Esta sala estava iluminada por 1200 lumes. Serviu-se uma ceia com a maior profusão e delicadeza que se pode considerar, onde as viandas fôram as mais delicadas e os refrescos os mais esquisitos, excelentes bebidas e preciosos licores.

"Seguiu-se depois um bem ordenado baile em que rompeu o conde de Oeiras e a embaixatriz de Espanha, a que se seguiu a marquesa de Pombal com o embaixador de Espanha, e assim tôda a côrte que, pela pompa, variedade e riqueza dos seus adornos davam o maior realce a tão pomposa e brilhantíssima função.

"Os artigos da despesa que nela se gastaram fôram os seguintes:

O dessert de El-Rei e o da Côrte..	*3.987.278*
Copa	*3.461.070*
Cozinha	*2.476.070*
Comedorias de família	*2.313.375*
Dos ornatos	*5.965.812*
Da armação	*2.847.415*
Das despezas grandes	*19.673.595*
Soma réis	*40.724.615*

"Tal era então o estado de prosperidade e riqueza dêste reino em que se faziam tão extraordinárias despezas; e isto vinte anos depois de ter sido a capital destruída por um horrivel terremoto, e reduzida a cinzas pelo fogo.

"Um rei firme o corajoso, lutando com milhares de obstáculos, fez conhecer as vantagens que um povo obtém quando é conduzido pela mão hábil dum monarca iluminado. O Senhor Rei D. José I fez extraír dentre as ruïnas em que estava sepultada a capital uma nova Lisboa, e, por um sistema generoso, animou tanto o comércio que pôde em breve ressarcir e aumentar as fortunas dos seus subditos.

"O seu Govêrno, enérgico e patriótico, promoveu a todo o custo o engrandecimento nacional; e por isso animou em extremo as belas artes, fábricas e ofícios macânicos, que são os braços e mãos de todo o Estado, de maneira que nestas grandiosas funções celebradas na inauguração da real estátua, as manufacturas portuguezas forneceram em obras de oiro e prata, de lã, de seda, de ferraria, de correaria, etc., todo o necessário para os vestidos e galas de ambos os sexos, para ornatos de casas, e mesas, para as ricas e numerosas carruagens, sem que viesse de fóra do reino coisa alguma, pois que até os espelhos, placas e vidros para ornamento das mesas fôram feitos em fábricas nacionais».

Em boa verdade, o govêrno de D. José foi de grande prosperidade para a Nação, mas não deve esquecer-se de que o grande talento do soberano foi a confiança que sempre depositou no seu 1.º Ministro — o Marquês de Pombal. Se, levado por maus conselheiros, duvidasse das boas intenções de Sebastião José, o seu reinado seria um dos mais aflitivos, tendo ainda catástrofes pavorosas, como a do terremoto de 1755, a atormentá-lo pavorosamente.

De quem é, portanto, a estátua: de D. José ou do Marquês de Pombal?

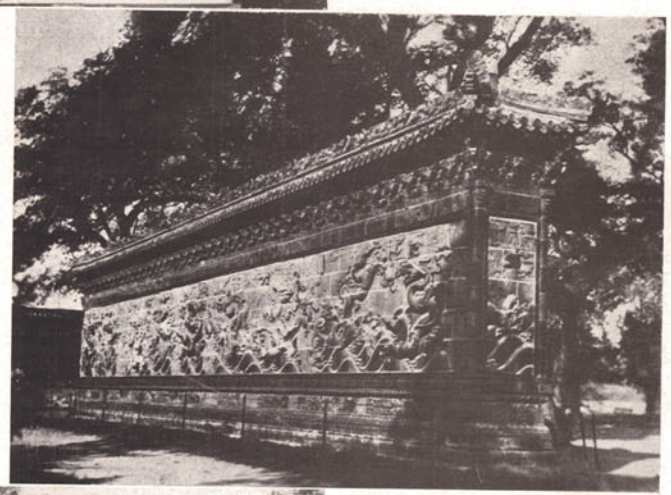
O Terreiro do Paço, segundo o projecto do Marquês de Pombal (gravura do século XVIII)

Estátua de D. José (gravura distribuida por ocasião da inauguração do monumento

ENCANTO DA CHINA

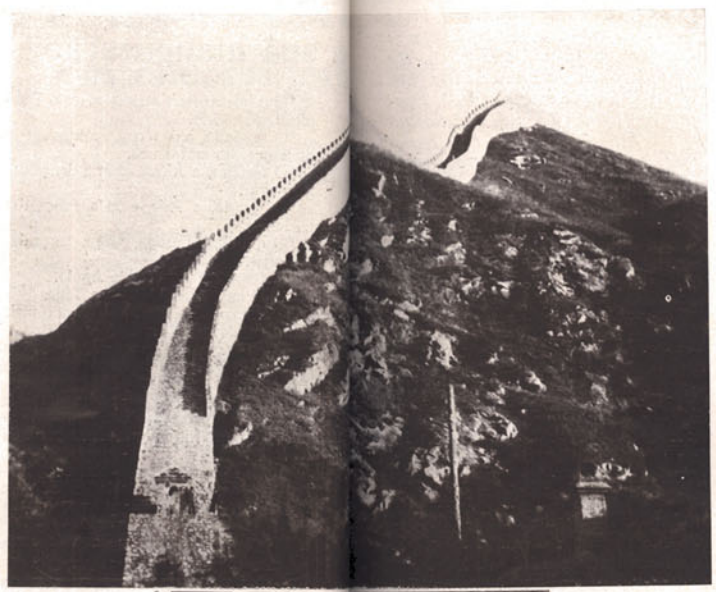
A China! País encantado que ainda nos aparece envolto em sonho nestes tempos de frias realidades que vão correndo. Aquêle budhismo que ali foi introduzido no século I da nossa era ainda predomina com a mesma suavidade da escola do Mahayana da velha India donde teve origem. E' curioso verificar que um dos ornatos simbólicos do budhismo chinês é o *uan*, que é uma cópia da *suástika* indiana, ou cruz gamada, e simboliza o coração de Budha.

Viajar na China é deliciar continuamente o nosso olhar profano. A magnificência dos seus edifícios encanta-nos sempre. O formoso templo de Confúcio, em Pequim, que data do século XVII patenteia bem flagrantemente o prodigioso da fantasia e a riqueza decorativa. Como a grande maioria dos edifícios chineses, é revestido de faianças de côres. Repare se que a policromia desempenha um papel importante na arquitectura chinesa: os estuques são pintados a vermelho e verde, as madeiras lacadas num fundo vermelho ou negro, ornamentadas de bronze e as telhas a amarelo, azul ou verde.



Velha China! Como és ainda deliciosa! como és ainda jóvem!

Se hoje a Grande Muralha, construida há 22 séculos para segurança do Celeste Império, perdeu a sua eficiência em face da nova arte da guerra, não deixa de ser considerada uma das obras mais formidáveis saídas das mãos dos homens. E' vê-la na sua grandiosa extensão, como uma serpente colossal, através de 2.500 quilómetros, desde os montes Hansu ao Hopeh.



E, após tantos séculos, quem seria capaz de sorrir dos ritos e das superstições chinesas? Quem, descendo ao Parque Chun-nan-hai, em Pequim, não se sente maravilhado ao contemplar os belos edifícios em traçado circular que os chineses usavam para atraír a Felicidade?

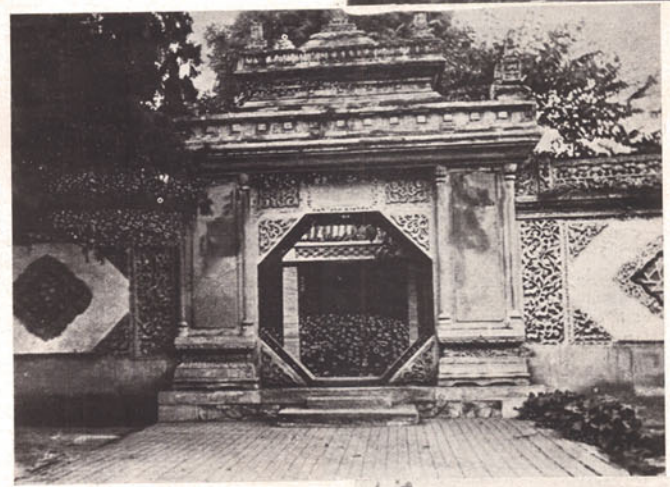
E o famoso muro dos Nove Dragões do Parque Pei-Hai que é considerado o mais belo exemplar de decorações que saíu das mãos de artistas chineses? Todos recobertos de cerâmica colorida, as paredes assemelham-se a um bordado gigantesco do mais delicado desenho.

E o maravilhoso palácio de porcelana de Ta Wang Maio, em cuja fachada se encontram milhares de ninchos com miniaturas de Budha?

A China continúa a ser o país do sonho e do encanto com o seu adorável mistério a rescender a flor de amendoeira.

Através do seu passado nebuloso perpassam almas ingénuas, suavíssimas que nos fazem elevar, na sua deliciosa ascenção, a uma verdadeira mansão em que são desconhecidos os males provocados pelo egoísmo humano. Pobre alma chinesa, tão sofredora e tão confiante! O que será te ti?

Em cima — ao centro: um aspecto da Grande Muralha. Á esquerda, de cima para baixo: O Templo de Wu-Ta com a tôrre simbólica de cinco ordens, ostentando relêvos de Budha. — O muro dos Nove Dragões do Parque Pei-Hai. — O leão de bronze de Peiping que é objecto do mais profundo culto dos chineses. A sua volta são tecidas as mais deliciosas lendas a que o rolar dos tempos não fez perder ainda o seu primitivo aroma. A China é, pois, um relicário imenso que bem merece tôda a nossa admiração



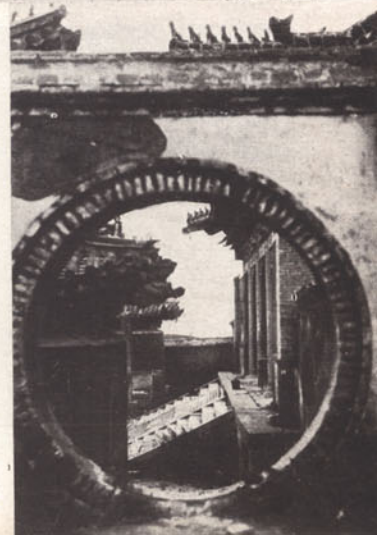
Á direita, em cima: o palácio de porcelana de To-Wang Miao com os seus milhares de miniaturas búdhicas. — Um dos edifícios do Parque Chun-nan-hai, em Pequim, com o seu traçado circular usado pelos antigos chineses para atraír a Felicidade — O pórtico do templo de Pi-Hsia-Kung, visto da Porta da Lua. — Em baixo, ao centro: Um dos baixos relêvos em pedra na Caverna Lo-Han, em Kansu (Escultura da dinastia Wei, onde predomina o ritmo linear — Seculo III da Era Cristã)

Agora, surge a guerra com todos os seus horrores. Os palácios de porcelana estremecem nos seus débeis alicerces e não tardará — oxalá que não! — que desapareçam pulverizadas pelas terríveis expulsões da guerra moderna.

A famosa Muralha da China, construida há tantos séculos com a pretensão de ser inexpugnável, servirá, quanto muito, para que os velhos imperadores afluam em massa para assistir aos espantosos horrores que a sua civilização não chegou a conhecer...

Depois, depois... o Nada... o Caos...

E daí - 'que quem sabe? — pode ser que o Budha reincarne e que, num novo e prodigioso avatar, se levante a defender o tão martirizado país que já mereceu chamar-se — *Celeste Império.*



A presidência da sessão solene na Associação Comercial de Lisboa: O Chefe do Estado, tendo à sua direita os srs. presidentes da Câmara Corporativa e sub-secretário das Corporações, e à esquerda o ministro do Comércio e o presidente da Associação Comercial de Lisboa

JUSTISSIMA HOMENAGEM

às casas comerciais centenárias de Lisboa

A iniciativa da homenagem às casas comerciais centenárias da capital pode ser considerada uma das mais felizes dos últimos tempos, merecendo, portanto, ficar gravada em letras de oiro nos já vastos e gloriosos anais da prestimosa Associação Comercial de Lisboa. Foi desta colectividade que partiu tão louvável ideia que foi coroada pelos mais entusiásticos aplausos. A sessão solene, a que presidiu o Chefe do Estado, revestiu uma tão grande imponência que só a uma homenagem desta natureza seria dado conceder. E' que a relação das casas comerciais de Lisboa com mais de cem anos constituiu um eloqüente documento da actividade e persistência do nosso comércio, um documento em que figuravam sessenta e sete estabelecimentos que durante tantos anos têm sabido manter os seus créditos à altura do seu glorioso passado.

E, assim, à cabeça aparece a *Casa Batalha*, cuja fundação é anterior a 1635. Mais de três séculos de actividade.

Temos a *Livraria Bertrand*, fundada em 1732, ostentando os seus duzentos e cinco anos de existência como um trofeu glorioso dos tempos idos e uma garantia aos seus actuais clientes.

Seguem-se a *Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro* (1756), a *Farmácia da Calçada de Sant'Ana* (anterior a 1762), a *Nacional Fábrica de Vidros* (1769), *E. Pinto Basto & C.ª, L.da* (anterior a 1771), a *Companhia da Fábrica da Fiação de Tomar* (1771), a *Companhia do Papel do Prado* (fábricas do Prado e da Lousã) (1772), *Braz & Braz, L.da* (1777), *Farmácia Azevedo, Filho* (1777), *Romão & C.ª* (1778), *J. B. Fernandes & C.ª, L.da* (1781), *Café Martinho da Arcada* (1782), *Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (anterior a* 1786), *Garland, Laidley & C.ª, L.da* (anterior a 1787), *Estabelecimentos Herold* (anteriores a 1787), *E. A. Rodrigues & C.ª* (1787), *Phoenix Assurance Company, L.da* (1787), *Farmácia Avelar* (1795), *João Teotónio Pereira Júnior L.da* (1797), *Bento José Pereira Júnior, Sucessor Alda P. Pereira Gomes de Melo* (1797), *José de Sá Pereira, L.da* (1798), *Leites, Sobrinhos & C.ª* (1799), *Cutelaria Francisco Inácio dos Santos, Sucessor.* (1800), *Viuva Macieira & Filhos* (1804), *Centeno & Neves L.da* (1805), *Levy & C.ª* (1807), *Drogaria Azevedos* (1808), *Companhia de Seguros "Bonança"* (1808), *Guilherme Graham Júnior & C.ª* (1808), *Fábricas Vulcano & Colares* (1809), *Café Restaurant Tavares* (1811), *Fábrica de Vidro e Cristal "Gaivota", L.da* (1811), *Custodio Perfeito, L.da* (1817), *M. V. da Fonseca* (1817), *Pastelaria "Ferrari"* (1821), *Banco de Portugal* (1821), *Farmácia "Franco"* (1821), *Cutelaria Policarpo* (1822), *Teixeira Bastos, L.da* (1822), *Vaz & C.ª* (1822), *Antiga Casa José Alexandre* (1823), *Viana Coelho, Almeida & C.ª* (1823), *Fábrica de Porcelana da Vista Alegre* (1824), *The Norwich Union Insurance Society, Ltd.* (1824), *Salão "Neuparth"* (1824), *Francisco José Simões L.da* (1825), *Estabelecimentos Alves Diniz & C.ª* (1826), *Figueiredo L.da* (1826), *Sirgaria Belo* (1826), *Confeitaria Nacional* (1829), *Bensaúde & C.ª* (1830), *Bernardino, Filhos & Ribeiro* (anterior a 1831), *Júlio Gomes Ferreira & C.ª, L.da* (1832), *Restaurante Irmãos Unidos* (1832), *Antiga Confeitaria Rosa Araújo* (1833), *Antiga Latoaria Maciel* (1833), *Sociedade Cambista José Boniz* (1833), *José Maria da Fonseca, Sucessor, L.da* (1834), *Senna, L.da* (1834), *Companhia de Seguros "Fidelidade"* (1835), *Farmácia Barral* (1835), *João de Brito, L.da* (1835), *J. A. de Oliveira Braga* (1836), *Fábrica de Cerâmica Constância L.da* (1836), *Verol & C.ª* (1836), *Confeitaria de Belem* (1837).

Não serão estas casas outros tantos depoimentos tão respeitáveis como flagrantes que autenticam o valor, a tenacidade e a honradez do comércio de Lisboa.

Por nós falará, com profundo conhecimento de causa, quem de facto e de direito o poderia fazer.

Do brilhantíssimo discurso proferido pelo sr. Joaquim Roque da Fonseca, ilustre presidente da Associação Comercial de Lisboa, na sessão de homenagem às Casas Centenárias, citaremos as seguintes passagens:

"Deve muito a Nação aos comerciantes portugueses!

Foram êles que, levando às cinco partes do mundo o nome glorioso do nosso País, deixaram por tôda a parte como marcos da sua acção imperecível as casas de Portugal e as Feitorias, estabelecidas a partir do século XII, e evidenciaram por tal forma, além da tenacidade e do caracter, uma tão sólida inteligência e ilustração, que a Feitoria da Flandres foi considerada "como a primeira e a melhor escola da diplomacia portuguesa dêsse tempo".

Foram êles que, nos princípios do século XVI, a quando dos descobrimentos prodigiosos dos nossos navegadores, que modificaram as correntes marcantis da Idade Média e realizaram a mais extraordinária revolução económica que o mundo até então presenciára; souberam fazer de Lisboa o grande império do comércio internacional, para onde se canalizavam todos os produtos e onde acorriam os navios de todo o mundo.

Foram êles que, mais tarde, após essa época áurea, única na história dos Povos exerceram notabilíssima acção nessa obra heróica e sublime que foi a da ocupação e da colonização portuguesa, onde por tal forma se afirmaram as suas portentosas qualidades de trabalho, de perseverança e de sacrifício, que há quem, ao ponderar as três correntes que impulsionaram essa obra — a imperialista, a religiosa e a comercial — considere como predominante a corrente comercial!

E com que sobrada razão nos devemos ufanar, nós comerciantes, de haver nascido em Portugal!

E' que ainda não se pensava em associações, e já os comerciantes portugueses, no reinado de D. Deniz, estabeleciam no Porto um fundo ou Bôlsa com a finalidade de defender os seus interêsses e de conceder pensões àquêles dos seus associados que a miséria atingisse, organismo que o Rei-Lavrador confirmou em 1293 e que foi — há mais de seis séculos — um percursor das actuais associações de previdência e câmaras de comércio.

E' que ainda viria longe o estabelecimento de companhias de seguros, e já no reinado de D. Fernando se instituia o seguro marítimo obrigatório para navios de certa tonelagem, criando-se para o efeito duas Bôlsas, uma em Lisboa e outra no Porto.

E' que ainda na Europa não existia nenhuma escola técnica de comércio, e já o Marquês de Pombal ao restabelecer, em 1755, a Junta do Comércio, lhe impunha a fundação de uma "Aula do Comércio", efectivamente inaugurada quatro anos depois e que foi um precioso elemento de cultura e um poderoso factor de prosperidade económica.

E' que ainda em nenhum outro País alguém se lembrara da criação de prémios destinados a estimular a agricultura e as indústrias — que só muito posteriormente os centros mais civilizados haviam de pôr em prática em exposições agrícolas e industriais — e já em Braga, em 1792, D. Frei Caetano Brandão anunciava um concurso no qual daria 20 prémios de 50 mil réis cada um, aos lavradores que mais plantassem segundo as regras da melhor agricultura, aos melhores aprendizes das várias classes de caixeiros, e às mulheres "das profissões de fiandeiras de linho, tecedeiras de linho, tecedeiras de talagagens, costureiras, bordadeiras de ouro, prata ou sêda, e fabricantes de meias e sirgueiras", que mais se salientassem por seus méritos.

São sessenta e sete as casas com mais de cem anos reunidas para receber a homenagem promovida pela mais antiga associação do comércio, como elas também centenária, homenagem que a presença do Ilustre Chefe do Estado e do Govêrno da República, transformou numa consagração oficial, mais ainda, numa consagração da Nação.

.....

Consagrar a vida das casas com mais de cem anos não implica a contemplação extática do passado. E' que o passado, para ser útil, não deve ser apenas enlêvo, mas também estímulo; não deve ser apenas saüdade mas também lição.

Quem sabe olhar para o passado, quem o sabe auscultar e sentir não pára não se imobiliza por isso; pelo contrário, caminha com mais firmeza e com mais segurança para o futuro.

Eis porque, além de justa, é útil esta homenagem — útil porque é estímulo, útil porque é lição.

Eis porque a Associacão Comercial de Lisboa, que tem como sua aspiração máxima ser tão útil à Nação no seu segundo século de existência como conseguiu sê-lo no primeiro, promoveu esta consagração ao Comércio Centenário da cidade de Lisboa.

Francisco António de Campos, 1.º presidente da Associação Comercial de Lisboa

Joaquim Roque da Fonseca actual presidente da Associação Comercial de Lisboa

O presidente da Associação Comercial de Lisboa lendo ao Presidente da República a relação das casas com mais de cem anos

A mesa de honra do banquete oferecido ao comércio centenário

ALBERTO BESSA — O DESVENTURADO

Não sei se é por eu compreender tão bem a desventura, por conhecer-lhe à maravilha todo o amargo sabor, que sou sempre escolhida para tratar de assuntos onde a adversidade tem o primeiro papel.

E eu nunca recuso a minha pena e a minha alma, para dar o meu contingente de aplauso ou de incitamento a uma boa acção.

Trata-se agora de um caso que mais intimamente interessa a minha piedade, por se referir a alguêm que foi *alguêm* no jornalismo, esta árdua tarefa em que eu há muitos anos labuto.

Contou-me o caso o Gomes de Carvalho, o conceituado livreiro da nossa praça, que, além dos seus méritos do ofício é senhor dum grande coração, e assim uma espécie de Senhor dos Aflitos para os amigos em mal de desventura.

Pediu-me para eu fazer na *Ilustração* — jornal acreditadissimo que entra em todos ou quási todos os lares portugueses de Portugal e Colónias — um artigo sôbre a situação aflitiva de Alberto Bessa.

Para ti, leitor amigo, êste nome deve lembrar-te uma vida exaustiva de trabalho, na imprensa diária de Lisboa e Pôrto, ainda com colaborações extraordinárias em todos os jornais e revistas periódicas de língua portuguesa.

■

Quero falar-te do antigo director do "Jornal do Comércio e Colónias", orgão considerado e estimadissimo, que depois de tanta luta, em que os resultados eram quási sempre aproveitados por terceiros, porque é esta a sorte de quem espalha a sua inteligência e a sua alma pelos caixotins de impressão, depois de uma caminhada de mais de cinqüenta anos pelos meandros do jornalismo se vê agora a braços com a miséria, a ponto de faltar-lhe a côdea de pão indispensável à vida.

Aqueles que venham com o argumento de que pela cedencia do seu jornal êle recebeu uma indemnisação rasoavel, direi que não há fortuna que resista, quando dela se gasta exclusivamente para tôdas as necessidades da vida, sem nada, nem mesmo um "gancho", como dizem os operários, que venha ajudar à despeza.

E Alberto Bessa esteve durante alguns anos, a viver da maquía recebida, para vestir, calçar, renda de casa, alimentação etc., e doença a pesar-lhe em cima, com os seus extraordinários e as suas boticadas caras.

Ouvi dizer a vários catões que êle devia ter sido mais previdente e não gastar tanto.

Eu não acredito que houvesse extravagancia, mas motivos urgentes que o obrigaram a entrar pelo depósito precioso.

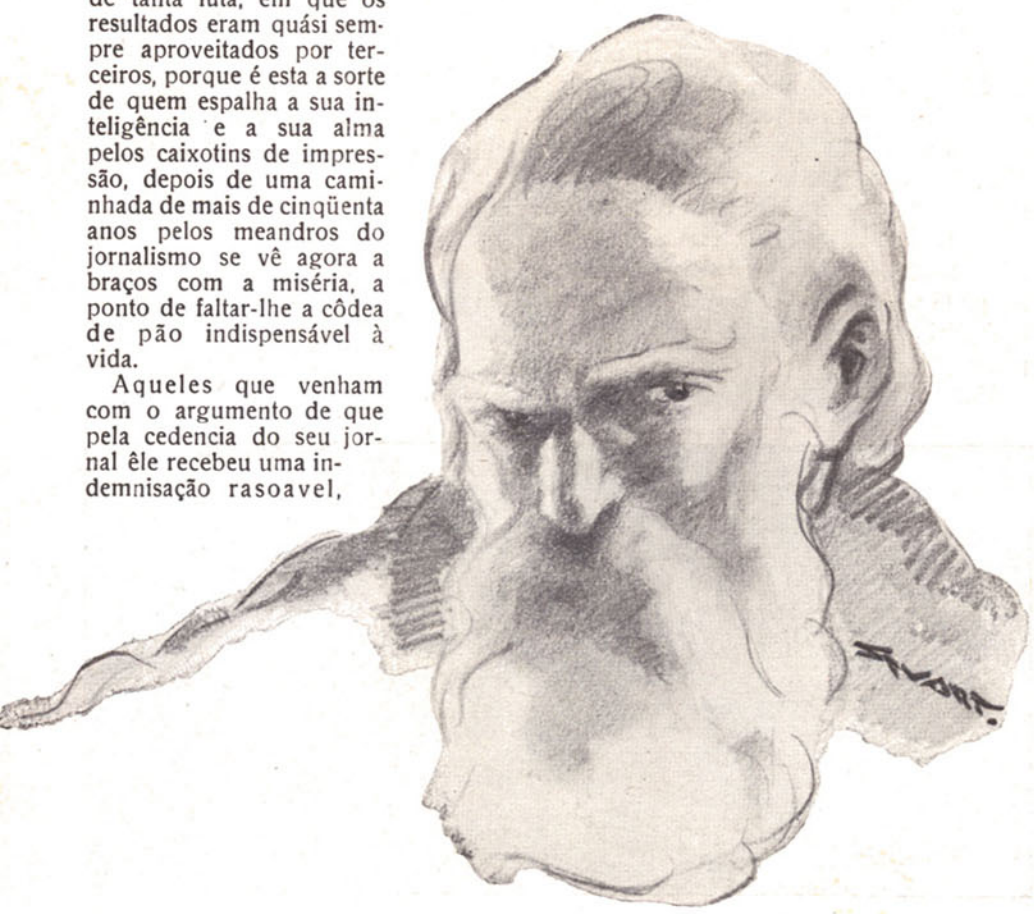
Em todo o caso, mais ano menos ano, mais mez menos mez, o desfecho seria o mesmo: vêr o fundo ao saco.

Porque donde se tira e não se põe, não se espera outra coisa.

E êle esteve todo êsse tempo desempregado e as necessidades aumentavam.

E houvesse mesmo imprevidência, não era motivo para se atirar com um homem à margem.

O pai recebeu de braços abertos o filho pródigo... porque não há-de a colectividade da imprensa receber em seus braços quem tanto trabalhou, e nunca fez nada que deslustrasse a classe?



É preciso que os rapazes cheios de vida e de aptidões que nêste momento estão na primeira fila do jornalismo português, olhem para Alberto Bessa como quem se mira num espelho, porque o que se está passando com êle é o que mais racionalmente os espera.

A mocidade não pensa nunca nos dias que hão-de vir, a velhice parece-lhe uma coisa impossível, e julga-a sempre muito longe ainda, para que valha a pena pensar nela e prevenir o mal. E é preciso não esquecer o ditado muito querido dos alemães que são gente prática:

Wie du mir
So ich dir...

que à letra quere dizer "como tu me fizeres eu te farei" e tem a acepção mais ampla de que no mundo acharemos a recompensa ou o castigo do que a outrem fizermos, em bem ou em mal.

Portanto, rapazes bons da minha terra, que formais essas explendidas organisações do "Sindicato da Imprensa" e dos Homens de Letras de Portugal" ou como quere que se chamem, acudi a Alberto Bessa. Talvez muitos de vocês já lhe tenham devido o pãosinho de cada dia, quando era director de jornal.

E se os fados mudassem e êle tornasse a ter uma folha, vocês veriam como tudo voltava a ser adulação e servilismo à sua volta.

Não se trata nem se pode tratar de uma esmola, uma quantia dada de uma só vez que depressa se esgotaria...

É preciso dar-lhe uma mezada que lhe chegue para viver, embora só com o que é mais necessário.

Mas decidam depressa que o estomago não espera...

■

Entretanto, como o caso é urgente, eu dirijo-me a tôda a boa gente da nossa terra daqui e dalém-mar, de todos os cantinhos onde se fala a abençoada língua portugueza, a língua que tem a mais linda palavra do vocabulário mundial — saüdade — e lembro-lhe que não esqueça essa outra palavra sublime, na rima mais dôce — piedade. E peço-lhes que mandem o que puderem — o pouco e o muito, nesta santa cruzada, igual valor tem — a casa dêsses bons velhinhos, Alberto Bessa e esposa. Travessa do Calado 17.-1.º (à Penha), porque ali não há pão, não há ventura.

Duas criaturas, abraçadas no infortunio, esperam da alma portugueza a claridade que desfaça as trevas da morte que começam a envolvê-las...

Que as almas bem formadas se condôam de quem, após uma vida intensa de trabalho útil, se encontra a braços com a mais horrorosa miséria. Bom será sempre cumprir o sublime ensinamento que nos manda "extrair do nosso mal alguma soma de bem" por pouco que seja...

MERCEDES BLASCO.

VIDA ELEGANTE

Garden-party

Nos jardins da residência do nosso director, sr. Artur Brandão, realizou-se na véspera de S. Pedro um *garden-party* que revestiu grande brilhantismo. As gravuras contidas nesta página representam vários aspéctos da grande e selecta assistência, vendo-se, além de Madame Artur Brandão, que fez as honras da casa como lhe competia, as senhoras viscondessa de Olivã, M.me Gomes da Silva, M.me Alberto Lelo Portela, M.me Felipe Costa, M.me Carlos de Aguiar, M.me Samuel Maia, M.me Lane, M.me Montelhano, M.me Sousa e Melo M.me Ribeiro Lopes, M.me Carlos Barbosa, M.me Ferreira da Costa, M.me José Maria Pedroso, M.me Jaime Barata, M.me Salvador Costa, M.me Vladomiro de Menezes, condessa de Mesquitela, M.me Costa Macedo, M.me Sueiro e Silva, M.me Ribeiro da Cunha, M.me Pinto de Lima, M.me Alvaro de Sousa, e os srs. visconde de Olivã, dr. Augusto Monjardino, dr. Samuel Maia, dr. Ribeiro Lopes, dr. Carlos Barbosa, dr. Ferreira da Costa, José Maria Pedroso, Alvaro de Sousa, A. de Sousa e Melo, B. Caeiro da Mata, dr. Luís Barata, Jaime Barata, dr. Luís Montelhano, António Salvador da Costa, engenheiro Felipe Costa, dr. José Felipe Costa, etc.

Difícil nos seria dar uma resenha de nomes tão completa quanto seria o nosso desejo de cronista mundano. Mas entre tanta animação sob um deslumbramento de luz e de harmonia, pois o garden-party foi abrilhantado por um magnífico sexteto, impossível se torna colher todos os nomes de quem honrou esta simpática festa com a sua presença.

Festas de caridade

NAS NOITES DOS SANTOS POPULARES

Durante as noites e dias dos Santos Populares, realizaram-se várias festas de caridade, que revestiram extraordinário brilhantismo, sendo sem dúvida dignas de nota especial as efectuadas no Jardim da Estrela, com fim verdadeiramente altruista, na rua de S Bernardo, a favor da Assistência Social do 6.º Batalhão da Legião Portugueza, nos jardins do Palácio Sabrosa, a favor da Assistência Social da Brigada Naval, da Legião Portugueza, e na rua de Patrocinio, a favor da Assistência Infantil de Santa Izabel.

Tôdas estas festas decoreram com extraordinária animação e selecta freqüência, tendo a comissão organizadora ficado plenamente satisfeitas com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

«PRONTO! ASSIM É QUE É!

— Com o pedido de publicação recebemos da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no teatro Politeama, as quatro récitas em que foi representada por um brilhante grupo de amadores pertencentes à nossa primeira sociedade, a revista em três quadros, intitulada «Pronto! Assim é que é!» da autoria dos srs. D. José de Siqueira. S. Martinho) e do nosso presado colega na imprensa Acácio de Paiva, com música do inspirado compositor sr. Armando da Câmara Rodrigues, a nota da receita e despeza dos espectáculos:

Receita das quatro récitas: 79:977$60. Despeza dos quatro espectáculos: 36:689$60. Saldo dos quatro espectáculos 43:288$00, que foi entregue pela comissão orga-

nisadora à Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Casamentos

Presidido pelo reverendo prior da freguesia, monsenhor dr. Lírio que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se no dia 8 dêste mês, na paroquial de S. José, ao Largo da Anunciada, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Franco Marinho da Cruz, gentil filha da sr.ª D. Guilhermina Franco Marinho da Cruz e do sr. Alfredo Marinho da Cruz, com o também nosso amigo sr. Joaquim Canas Cardim, filho da sr.ª D. Felismina Canas Cardim e do presado amigo e presidente da Sociedade Estoril Plage, sr. Guilherme Cardim, servindo de madrinhas, a mãe da noiva e a tia do noivo, sr.ª D. Tomázia Canas Ereira e de padrinhos, o pai da noiva e o nosso querido amigo, sr. Joaquim Ereira, S. Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia, durante a qual fôram excutados no órgão, vários trechos de música, foi servido na elegante residência dos pais da noiva. à Avenida da Liberdade, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foi oferecido grande número de artistícas e valiosas prendas, para o Estoril.

Ao acto que se revestiu de grande solenidade assistiram os srs:

Fausto de Figueiredo, dr. José Pontes, eng. Armando Ferreira e espôsa, José Nobre Guedes, Augusto Pina, Vergilio Soares, Pedro Franco (Restelo), Diniz de Almeida e espôsa, Mauricio Cierco e espôsa; Camilo Farinhas, dr. Luís Quintela, Manuel da Cruz, Raimundo Quintanilha, Armando Vilar, João Bastos, eng. Ferin Canha, dr. João da Cruz, dr. Pinto Gouveia e espôsa, José Ereira, Geraldo Callé e espôsa, Frederico Bandeira, Miguel Fazenda, José Felicio Aguiar e espôsa, Miguel Horta e Costa e espôsa, Jorge Bleck, Vergilio de Figueiredo e espôsa, dr. Carlos Tavares, dr. Francisco Tacanho e espôsa, Júlio Casanova, Manuel da Cruz, viscondes de Riba Tamega, consul da Argentina e filha, condes de Murça e de Ervedal da Beira, Luís Guilherme Cardim Bastos, Oscar Fragoso Carmona e Costa, dr. Correia Ribeiro, e as sr.as D. Adelia Gonzalez Cardim, D. Augusta Maria de Matos Cardim, D. Maria Carlota Ereira, D. Loures Cannar Aguiar. etc., etc.

— Com grande brilhantismo, celebrou-se na paroquial de Santa Catarina, o casamento da sr.ª D. Maria José Ortigão Ramos de Castelo Branco, interessante filha da sr.ª D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco e do distincto engenheiro sr. José de Azevedo Castelo Branco, com o sr. Raúl Ermida Parreira, filho da D. Alice Ribeiro Ermida Parreira e do nosso presado colega na imprensa sr. José Maria Parreira, servindo de madrinhas as sr.as D Augusta Ferreira de Azevedo Castelo Branco, avó paterna da noiva e D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, tia materna da noiva e de padrinhos o pai e o primo do noivo sr. dr. Carlos Ribeiro Ermida, presidindo ao acto o prior da freguezia reverendo Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia, durante a qual a brilhante cantora sr.ª D. Elsa Ponchy Levy, se fez ouvir em vários trechos de música sacra, acompanhada a orgão, foi servido no elegante residência da avó materna da noiva, sr.ª D. Berta Ortigão Ramos, a Santa Catarina, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

Serviram de «damas de honor» as amigas da noiva sr.as D. Cristina Rezende da Silva e Melo (Cartara), D. Manuela Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira e D. Maria Tereza Ortigão Ramos Jorge.

— Na Basílica da Estrela, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Júlia Pereira do Carmo de Sousa, gentil filha da sr.ª D. Sofia da Conceição Fernandes de Sousa e do sr. José Joaquim Hilário de Sousa, com o sr. Manuel da Luz Afonso, filho da sr.ª D. Joaquina da Luz Afonso e do sr. Manuel Francisco Afonso, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria da Conceição de Sousa, avó da noiva e D. Conceição Soares e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Joaquim José Soares, sendo o acto presidido pelo prior da freguezia da Lapa, monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Em Espanha, celebrou-se na paroquial de Isla Cristina, o casamento da sr.ª D. Catarina Gomez Colomé, interessante filha da sr.ª D. Cremilda de Figueiredo Gomez Colomé e do sr. D. António Miguel Gomez Colomé, com o sr. António Bahia da Silva Martins Pinheiro, filho da sr.ª D. Etelvina Bahia da Silva Martins Pinheiro, e do sr. David Maryins Pinheiro, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas para Portugal onde vieram fixar residência.

— Celebrou-se na paroquial de S. Vicente, o casamento da sr.ª D. Maria Leonor Pinto de Magalhães, gentil filha da sr.ª D. Júlia Pinto de Magalhães e do sr. António Pinto de Magalhães com o sr. Carlos Berkeley Cotter, filha da sr.ª D. Gualdina Martins Cotter e do sr. Guilherme Berkeley Cotter, servindo de madrinhas as sr.as D. Judite Bueno y Martins e D. Alice Martins Rosa e de padrinhos os srs. Clemente Victor Manuel Bueno y Martins e Augusto Carlos Rosa.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artistícas prendas.

— Pelo nosso colega de imprensa Gastão de Bettencourt, foi pedida em casamento para seu primo sr. João Galo de Bettencourt Novais, funcionario da Junta de Crédito Público, a sr.ª D. Maria Luísa Cohen Sarmento, interessante filha do nosso presado colega na imprensa, antigo director do «Diário de Notícias», sr. José Sarmento.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luísa Santos Silva de Faria, gentil filha da sr.ª D. Rita de Cássia Santos Silva de Faria e do sr. dr. José Alberto de Faria, com o distincto engenheiro António de Carvalho Xerez, filho da sr.ª D. Virginia Carvalho Xerez, já falecida e do major sr. José Xerez, servindo de madrinhas as sr.as D. Candida Martins Pita e D. Rufina Carvalho e de padrinhos os pais dos noivos, presidindo ao acto o prior da frequesia reverendo dr. Oliveira Reis, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Paris, onde fôram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Francisca Dart de Castro Cunha da Silveira, esposa do sr. conselheiro José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa, para seu filho João, a sr.ª D. Maria Izabel Cabral de Moura Coutinho da Silveira de Vilhena Jardim (Valenças), interessante filha dos srs. condes de Valenças, devendo a cerimónia realisar-se no fim do corrente mez.

— Com a maior intimidade, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Gabriela Vasconcelos e Silva interesante filha da sr.ª D. Amélia Augusta de Vasconcelos e Silva, já falecida e do major de artilharia sr. José Eduardo Abrantes e Silva, com o antigo oficial do exército sr. Alberto Tavares de Magalhães, filho da sr.ª D. Adelaide da Conceição Tavares de Magalhães e do tenente coronel sr. Manuel Maria de Magalhães, já falecidos, servindo de padrinhos por parte da noiva seu pai e sua tia e por parte do noivo seu irmão e cunhada.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência de uma pessoa da família da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.

O casamento da sr.ª D. Maria Luiza Marinho da Cruz com o sr. Joaquim Canas Cardim, na Igreja de S. José

Assim o Céu teve estrêlas...

A formosa e pálida Lua casára-se com o ardente e valoroso Sol, e, dêsse enlace, haviam nascido miríades de peqneninas filhas que Deus dotou com a nívea brancura e a apaixonante suavidade da meiga Hebe e um brilho cintilante e fascinador do astro soberano de luz.

Chamaram-se Estrêlas, e eram tão iguais e bonitas, que nenhum encanto mais podia haver!

No palácio do Sol, lá nêsse longínquo palácio que fica no mais afastado Céu, cresceram as lindas pequeninas, radiosas e sempre adoráveis, e o pai e a mãe, quando delas se não tinham de apartar, passavam o tempo, esquecidos, a olhá-las, embevecendo-se na sua contemplação, vendo-as saltitar pelo palácio, irradiando a mais enternecedora luz de amôr.

Meigas como a mãe, brincalhonas como o pai, as meninas gostavam de os encherem de terrores com suas correrias pelas salas vastissimas da morada celeste, e de ver a sua comoção quando iam formar-lhes sôbre as cabeças divinas, um docel maravilhoso.

Eram todos muito felizes!

De quando em quando, o Sol levava-as á mansão de Deus: as meninas iam receber a benção do Omnipotente que gostava de conversar com elas, e vêr a luz magnifica que Êle lhes déra.

Mas, depois dêsses passeios maravilhosos, em que iam sempre seguras pelas mãos sevéras do pai cauteloso e previdente, as meninas ficavam pensativas e preocupadas e iam muito tristes, fechar-se num quarto, recusando-se a brincar e a rir como até então.

É que lhes fizéra imensa confusão aquêle vai-vem contínuo de belissimos anjos, que partiam por todo o firmamento, sózinhos, embora tão pequenos, agitando as setinosas asas. Fizéra-lhes confusão e despertára-lhes a curiosidade, que êles, sempre tão risonhos e afaveis, cruzando com elas, nos caminhos com uma graciosidade tão cheia de segurança, por certo viam coisas lindas de que elas, sempre ali encerradas, nem podiam suspeitar a existência.

E de cada vez que, seguras pelas mãos do pai cauteloso e previdente, as trevêssas Estrêlas iam á presença de Deus, que gostava de conversar com elas e de vêr a luz magnifica que Êle lhes déra, regressavam mais desoladas e tristonhas.

A dôce mãe notou-o e, certa ocasião, foi procurá-las no sombrio aposento onde se haviam fechado, e perguntou-lhes com soberana meiguice:

— Filhinhas, que tendes vós, que tão maguados vos vejo?... O que vos faz sofrer, pedacinhos da luz de Deus?

As Estrelinhas achegaram-se temerosas, mas uma delas, mais brava e radiante que qualquer de suas lindas irmãs, encheu-se de coragem, e assim falou:

— Mãezinha querida! O que nos entristece e empalidece o nosso brilho é a mágoa que nos causa o estarmos sempre aqui encerradas, enquanto que os anjinhos mais pequenos de que nós, correm e brincam por êsses céus que tantas maravilhas devem encerrar!

Mãezinha! Deixe-nos ir também!

— Filhas! Que tontas sois com êsse vosso louco desejo! O ceu é lindo aqui, porque é feito para mansão de Deus, mas para o além é o caos, o abismo sem fundo, escuro e triste como essas nuvens de tempestade que são as grandes inimigas de vosso Pai! O que vós julgais prazer nos anjos, é trabalho, que cumprem alegres e satisfeitos porque são bons e amam o seu e nosso Senhor! Êles vão á terra guardar uns pobres sêres pequenos e infelizes que se chamam homens, que Deus criou á sua semelhança, e se tornaram indignos até de misericórdia divina. Mas a Omnipotência Sublime do Senhor perdôa-lhes e Ele, que os ama ainda, manda-lhes os anjos a guardá-los e a tornar as suas almas merecedoras do prémio final: a bemaventurança junto de Deus!

— Bem sei, — atalhou uma estrelinha rosada e brilhante — já vi muitos!

— Assim é, filhinhas! Por isso Deus concedeu aos anjos as setinosas asas que os levam á terra, minha irmã também... Vós não fostes destinadas pelo Senhor a êsse viver de eleição... Sois pequeninas e frágeis. Se vos arriscasseis nos caminhos do Ceu, rolarieis para os abismos sem fim e tudo acabaria!

As Estrelinhas calaram-se, pensativas.

Convencidas e obedientes?

Não!

E continuaram a empalidecer, a perder até êsse radiante brilho que era a alegria dos pais.

Não acreditaram no que a mãe lhes dissera, as pobres inocentes, e ardia-lhes no íntimo um desejo ardente de irem por êsse Céu escuro e sem fim.

Quando voltaram à mansão de Deus, o Senhor estranhou a palidez do seu tremeluzir.

— Estrelinhas! que tendes vós? — indagou com voz bondosa e terna.

E a Estrelinha branca narrrou o seu desgôsto e as palavras da mãe.

— Estrelinhas insensatas! Vossa Mãe tem razão e eu ordeno que abandoneis essa idéa desanissada!

Vivei felizes no palácio do vosso Pai e sêde boas filhas!

E as Estrelinhas regressaram ao palácio do Sol. Convencidas já como deviam?

Ah! Não. Não!

Que cada vez mais impetuosa e violenta ardia nelas a má idéa de irem conhecer êsse Céu que lhes era vedado pelos perigos que encerrava.

E então, más, desobedientes, contra os conselhos da santa mãe e as ordens do Divino Senhor, as Estrelas resolveram-se a fugir, e a satisfazer a sua vontade.

E uma noite, depois do Sol ofegante e cansado ter recolhido à sua morada, elas abriram de mansinho a porta e empreenderam o caminho, alegres, num anseio louco de liberdade almejada!

Aterrou-as, a princípio, a escuridão do Céu, mas a sua branda luz iluminava, e elas, afoitas, lançaram-se, rindo e correndo, pelos caminhos celestes.

Então, imprevidentes e tontas, sem verem o perigo, foram correndo sempre e com um grito imenso de aflição rolaram para o vácuo!

E foi um sobressalto por todo o infinito!

Aos gritos desesperados das louquinhas respondeu um outro, intraduzível de angustia!

Era a pobre Lua, que dera pela falta das suas filhas, e assistira, impotente, à quéda na imensidade, dêsses pedacinhos de luz que eram o seu viver e a sua alegria!

Aterrada, correu à mansão de Deus e prostrada ante Ele, suplicou-lhe auxílio para aquele imenso desastre!

— Que parem! Senhor, que parem! Suspendei essa queda horrorosa que durará pelos séculos dos séculos!

Deus ouviu a pobre mãe dolorosa.

Pararam... mas o Senhor condenou-as, para castigo da sua curiosa desobediência, à solidão dos céus.

Por tôda a eternidade ficarão brilhando pelo infinito!

A Lua chorava, desolada, mas agradecida. E quando recolheu ao seu palácio, quedou-se extática de maravilhante surprêsa!

O céu escuro era agora um manto recamado de luzinhas divinas, que brilhavam docemente.

Os anjos, que tinham ido à terra, regressaram a dizer que os homens estavam presos da mais louca alegria!

Se, de dia, o Astro-Rei os confortava, à noite tinham aquelas pequeninas beldades.

Então, Deus condoeu-se da pobre mãe, satisfez-se com o bem que as loucas Estrêlas tinham ido dar aos seus filhos sempre bem-amados, e concedeu que a Lua fôsse dar um passeio pelo Céu, e visitar as suas filhinhas...

ODETTE PASSOS DE SAINT MAURICE.

HUMORISMO

Uma senhora muito espirituosa, que recebia a côrte dum advogado inteligente, e êle que lha fazia, tinham por costume dirigir epigramas um ao outro. Numa ocasião disse-lhe a dama com muito interêsse:

— Não gosto de o ver de toga; parece-me um homem vestido de mulher, posto que sem elegância.

O advogado não respondeu.

— Ora diga-me — continuou a dama — para que se disfarçam os advogados em mulher?

— Minha senhora — respondeu desta vez o doutor — é porque temos que falar muito.

■

A presença de espírito e o sangue frio são qualidades que nobilitam o homem em tôdas as classes, mas no militar são ainda mais apreciáveis. Sem agora podermos designar onde, sabemos que certo general, a quem uma bala de artilharia levou uma perna de pau numa batalha, desatou a rir às gargalhadas, dizendo para os que o cercavam:

— Desta vez logrei o inimigo, rapazes, porque trago ali outra perna na bagagem!

O avô caturra:
— Não deves comer gelados, meu menino. Isso faz muito mal. Conheci uma criança que morreu por comer um «esquimó». Não chegou a comer nem metade.
— Então quem comeu o resto?

■

Um amigo da boa-vida e de a passar à custa alheia, não perdera, comtudo, a crença, e tanto que ainda resava. Reduziu, porém as suas orações do levantar e do deitar às poucas e substanciosas palavras seguintes:

— Meu Deus, não vos peço que me deis riquezas; dizei-me sòmente onde elas estão, que eu as irei lá buscar. Amen.

■

Dizia uma vez Tristan Bernard, falando de negócios e companhias:

"Os accionistas são como carneiros quando os negócios marcham bem; são uns tigres quando não se faz negócio... isto é... são sempre uns animais!..."

■

— Porque se parece o esgotar dum poço com o trabalho sem produto?

— Porque se faz *debalde.*

■

— E porque se parece tua mãe com a lâmpada que expira?

— Por *dar-m'á-luz.*

■

Na campanha de 1832, no ataque de 25 de Julho ao Porto, avançava às linhas uma companhia de infantaria, guiada por um valente capitão; a metralha da cidade destruía as fileiras dos atacantes, e um soldado, que via em risco a vida, ficou para a rectaguarda, escondendo-se atrás duma árvore. Vê-o o capitão, cresce sôbre êle com a espada em punho e diz-lhe:

— Que fazes aí, maroto? Quando eu e teus camaradas expomos a vida, tu escondes-te?

— É que eu, lhe responde o soldado, vendo o perigo em que V. S.ª se achava e os meus camaradas, julguei que devia escapar, para depois contar os feitos heróicos do meu capitão.

■

Dizia um avarento:

— Nunca darei a minha filha nem a um jornalista, que desperdiça o papel escrevendo só por um lado, nem a um poeta, que também o deixa quási todo em branco.

■

— Os actores não podem viver muito.

— Porquê?

— Porque respiram *arsénico* (ar cénico, da cena).

■

Um homem foi citado como testemunha para comparecer em audiência num tribunal. Chamada a testemunha, diz-lhe o juiz que deponha tudo o que souber da questão, desejando primeiro saber como começou a desordem:

Entre pobres actores:
— Arranjei contracto para a província. Ganho cinco mil reis e jantar por cada espectáculo.
— Assim, já estás ao abrigo da fome...
— Mas é que só damos espectáculo aos domingos.

— Sei que me lembro das expressões de que se serviu o reu, sr. juiz: vós sois um imbecil, sois...

O juiz, percebendo que os jurados e o auditório começavam a rir da ingenuïdade da testemunha, acode:

— Dirija-se antes aos srs. jurados!

■

Dizia um provinciano, voltando à sua terra:

— Vi tudo! Inclusivamente vi a rainha e o rei *(e urrei).*

— Acho que fez bem, lhe respondeu um farcista, podia até ter zurrado.

— O senhor tem direito a uma subvenção de 300 mil réis para sua mulher e apresenta um recibo de 600?!
— É que... aqui para nós... eu sou bígamo!...

Alfredo Silveira, Aníbal Rodrigues e António Calada, os corredores do Sporting que melhoraram o record nacional de estafeta 3×400m

A QUINZENA DESPORTIVA

O Football Club do Pôrto, que no início da prova não reüniria meia dezena de prognósticos favoráveis até entre aqueles que lhe são devotados, acabou triunfante o campeonato de Portugal de football, conquistando o seu quarto título na especialidade.

É curioso registar como os factos se repetem na história dos acontecimentos desportivos: o F. C. Pôrto venceu o primeiro torneio nacional do jogo da bola, foi o primeiro a repetir o feito, o primeiro a trisá-lo e, agora, o primeiro ainda a somar as quatro vitórias. O Sporting pela terceira vez defrontava, em partidas finais, o campeão do Norte e pela terceira vez sái batido do campo de luta.

O encontro teve lugar em Coímbra, clássica cidade neutral para os casos em que os adversários pertencem às associações lisboeta e portuense, e despertou um entusiasmo extraordinário; nunca, talvez, tão elevado número de forasteiros havia acompanhado os seus favoritos, e nunca, também, e por essa própria razão, se manifesta tão claramente a insuficiência de instalações destinadas aos espectadores.

O nosso público, dum estoicismo admirável, está habituado a pagar caro para assistir inconfortavelmente às principais manifestações desportivas, mas em Coímbra o contraste foi demasiado flagrante, apezar dos esforços da Federação que dispendeu uma soma considerável no intuito de melhorar aquilo que existia.

Este problema das instalações nos recintos desportivos é dos mais importantes a resolveu para propaganda e indirecto progresso do desporto em Portugal. Enquanto não fôrem construidas, nos campos de jogos, tribunas donde os espectadores possam seguir as provas com o mínimo de regalias aceitável, não poderemos esperar a conquista de novos adeptos, antes é provável que desanimem alguns daqueles que ainda persistem no seu entusiasmo.

Por esta razão merecem tôda a simpatia, a maior solidariedade, e até, o apoio das entidades oficiais, as agremiações que procuram à custa de enormes sacrifícios, como sucede ao Belenense e ao Sporting, ampliar e modernizar aquilo que possuem. É um exemplo a ser seguido, não só pelas colectividades da capital como também pelos das cidades, cuja situação e mérito desportivo as elevam a séde de importantes competições, como esta final do campeonato de foot-ball.

■

Principiou no primeiro dia do mez a a 31.ª Volta a França em bicicleta, sem dúvida a prova mais grandiosa de todo o programa anual do ciclismo no mundo, e aquela que tem o condão de apaixonar pelas suas peripécias a opinião pública dos próprios países que nada teem a vêr com ela como interferência directa.

Durante trinta dias, uma centena de corredores seleccionados entre os melhores especialistas de nove países, França, Bélgica, Itália, Alemanha, Espanha, Holanda, Luxemburgo, Inglaterra e Suíça, lançados pelas estradas em áspera competição, rolando lado a lado nas planuras onde os quilómetros parecem sem fim ou escalando as ladeiras ingratas de gigantescos montes, concentram em torno dos seus actos a atenção do universo desportivo.

Com o volver dos anos a Volta à França, que partiu duma arrojada iniciativa do fundador de "L'Auto", Henri Desgranges, tem aumentado de percurso e de importância.

Em 1903, ano inicial, os corredores da Volta saíam de Paris para seis jornadas, cujos pontos terminais eram Lião, Marselha, Toulon, Bordeus, Nantes e novamente a capital francesa; a classificação fazia-se, como agora, por adição de tempos, e a vitória pertenceu a Maurice Garin.

No ano seguinte manteve-se a mesma fórmula e triunfou Henri Cornet, mas em 1905 a prova foi profundamente modificada, elevando-se o número de caminhadas a onze, num total de 3000 quilómetros. O critério de classificação mudou também, sendo adoptada a adição de pontos conferidos em acôrdo com a ordem de chegada dos participantes; foi vencedor ainda um francês, Louis Trousselier.

O alargamento da prova alcançou tamanho êxito que no percurso da quarta Volta os organizadores acrescentaram mais 1400 quilómetros, arriscando a passagem pela primeira montanha, o Balão da Alsácia, que ao tempo pareceu um obstáculo formidável, mas hoje não merece mais consideração do que o dum simples aperitivo às escaladas dos Alpes e Pireneus. Ganhou a corrida René Pottier.

Em 1907 e nos dois anos imediatos o número de étapas foi de 14, seguindo a Volta o sentido da marcha dos ponteiros dum relógio; contamos nêste período duas vitórias de Lucien Petit-Breton e uma do luxemburguês François Faber, dois grandes campeões que vieram a perder a vida nas lutas da Grande Guerra.

A Volta a França fixou, em 1910, o seu percurso dividido em quinze jornadas, as quais fôram mantidas até 1924, embora modificando-se por vezes a sua distribuição; os montes dos Pireneus fôram incluidos na prova em 1910, e no ano imediato os Alpes, subindo a quilometragem total a 5400.

Em 1913, voltou a vigorar a classificação pelo tempo e a corrida seguiu em sentido inverso, isto é, partiu de Paris para a Normandia, continuando para o sul ao longo da costa atlântica. Na lista dos triunfadores encontramos sucessivamente Otávio Lapize, Garrigon, os belgas Defraye e Felipe Thys, êste último ganhando as duas últimas corridas antes da guerra.

A mesa que presidiu à distribuição dos prémios do II Concurso de Gimnástica Educativa, brilhante festa que encerrou a louvável iniciativa do Ginásio Club Português

O grupo do Football Club do Porto que ganhou, em Coímbra, o campeonato nacional de football

Após uma interrupção de quatro anos, a Volta ressurgiu em 1920 para prosseguir até à actualidade uma existência triunfal; os primeiros anos desta série contemporânea fôram de superioridade belga, graças aos êxitos de Lambot, novamente Thys, o único ciclista que obteve três vitórias na prova, Scieur e outra vez Lambot.

O célebre Henrique Pelissier trouxe à França, em 1923, a satisfação duma vitória, mas nos anos posteriores voltou a superioridade estrangeira, traduzida por duas vitórias do italiano Bottechia, uma do belga Luciano Buysse, duas do luxemburguês Nicolau Franz e uma de outro belga, Mauricio Dewaele.

Em 1930 inicia-se uma seqüência de cinco triunfos franceses, alcançados por Leducq, Magne, Leducq, Speicher e Magne; finalmente as duas últimas Voltas tornaram a pertencer aos belgas, por intermédio de Romain Maes e Silvère Maes, dois homens com o mesmo apelido, mas que nenhum parentesco teem entre si.

Entretanto, o regulamento sofria também diversas modificações; a popularissima camisola amarela foi adoptada em 1919 para símbolo do primeiro na classificação geral, as caminhadas com partidos isolados e contra relógio apareceram em 1927 e, finalmente, a prova passou em 1930 a ser disputada por equipas nacionais.

Eis, em breves notas, a história duma corrida ciclista que em Portugal é seguida com palpitante interêsse, e cuja influência directa se traduziu já entre nós pela criação da nossa Volta, tão saudosamente relembrada, e cuja ausência nestas duas épocas deixou um vácuo sensível no calendário do desporto nacional.

Os corredores dos 3.000 m. nos campeonatos de juniores, vendo-se em 2.º lugar o sportinguista Aníbal Bardo que bateu o record da distância

■

A temporada do atletismo prosseguiu normalmente e apróxima-se do fim sem nos deixar motivos para que o assinalêmos com júbilo.

Embora deva reconhecer-se maior regularidade nas organizações e relativo progresso, assinalado pelo melhoramento de alguns máximos, a impressão de conjunto é de penúria e de indiferença do público e das colectividades.

Um dos mais deploráveis sintômas dêste estado de coisas tem sido a considerável percentagem de faltas de concorrentes inscritos nas provas, procedimento digno das mais ásperas censuras pelo que traduz de ausência de consideração pelos adversários, organisadores e sobretudo pelo clube representado.

Sucede, porém, que nem sempre serão culpados os atletas, pois é uso corrente dos dirigentes clubistas inscreverem nos campeonatos todos os indivíduos das suas relações sem prèviamente os consultar sôbre os seus propósitos.

Outro êrro mais freqüente dos chefes técnicos é o abuso de utilização dos elementos com valor; em Lisboa, na grande maioria das colectividades praticantes, o atleta da classe "é pau para tôda o obra», participa em três e quatro competições na mesma tarde, e ao cabo duma época está também ao cabo das suas reservas de energia. A norma de sacrificar os interêsses individuais dos praticantes às conveniências da agremiação não pode ser aprovada, e constitui um grave perigo de desvirtuação desportiva.

Levando em conta o atrazo em que nos encontramos na matéria e a necessidade de impôr bom senso a quem deveria possuí-lo, mas dá provas do contrário, julgamos conveniente que a federação nacional decrete um limite à actividade dos seus subordinados, não aceitando inscripções de cada atleta em mais de duas provas diferentes na mesma jornada.

A ocasião seria oportuna, aproveitando os trabalhos da comissão encarregada pelo último Congresso de remodelar os actuais estatutos da entidade máxima, onde diversas outras alterações se impõem por motivos técnicos ou razão de ordem moral.

No seu número incluimos o problema dos clubes corporativos, por nós ventilados numa das passadas crónicas e que aparece como uma ameaça nos horizontes do atletismo, da mesma forma que constitui já um perigo inevitavel noutras modalidades. O desporto praticado pelas agremiações civís, sobretudo aquele de características essencialmente amadoras não pode competir com os agrupamentos formados por emprêzas comerciais a pretexto de cultura física dos seus empregados mas em verdade excelentes agentes de propaganda pública.

SALAZAR CARREIRA.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Aspectos da cidade de Madrid após os bombardeamentos, mostrando nitidamente o encarniçamento da luta travada

FÉRIAS E DISTRACÇÕES

Estamos na época das férias; para os estudantes que passaram de ano sem exames já elas começaram, e até ao fim dêste mês principia o exodo dos que procuram nas praias e no campo o sossêgo e recuperar as fôrças, que os estudos abalaram.

É a época dos desportos, da vida ao ar livre em plena natureza, essa vida que dá saúde e bem estar e que torna todos mais fortes, para poderem arrastar com novos trabalhos e a época dura do inverno.

É também a ocasião que a mocidade tem para se distraír com as preocupações do estudo ou do trabalho, é a época em que tudo serve de distracção e de desporto.

Antigamente, pode dizer-se, só os rapazes beneficiavam a sua saúde, com a prática dos desportos. Só êles remavam, jogavam jogos, e desenvolviam essa actividade ao ar livre, que para a mocidade é indispensável.

Hoje em dia já assim não é: as raparigas têm os mesmos privilégios e podem distrair se fazendo exercícios em que se fortificam e desenvolvem, ganhando um certo desembaraço e entretendo-se sòmente, sem preocupações de «toilette». E nada há de melhor para a mulher do que adquirir desembaraço e saber viver a vida. Já não estamos na época em que a mulher vivia apoiada ao braço do homem, criatura frágil necessitando de protecção. Não sabendo dar um passo na rua, só, incapaz de tomar uma resolução, sem saber tratar das coisas mais essenciais à vida.

Agora a mulher tem iniciativa, sabe desembaraçar-se em qualquer assunto que tenha de tratar, anda com os olhos abertos na vida e não precisa ser guiada, passo a passo, como criancinha que ensaia os seus primeiros passos cambaleando e receando cair.

O homem tem hoje uma vida de tal maneira absorvida pelos negócios e pelo turbilhão que se tornou a vida moderna, que se tivesse de guiar a sua mulher, em todos os seus passos, ela em vez de ser a sua companheira na estrada da vida, passaria a ser o seu entrave.

Como poderia um homem que tem mil negócios a resolver num só dia, dois ou três conselhos de administração, fazer as compras de sua mulher, como antigamente havia tantos homens que as faziam.

Quando as senhoras não saíam à rua senão em dias solenes, eram os maridos que lhes compravam os vestidos, que lhes traziam para casa as amostras, que lhes escolhiam os chapéus e a mulher seguia na vida um caminho de boneca sem responsabilidades, esperando em tudo a opinião do homem, e, sem saber viver a sua própria vida.

Era considerada uma desgraça o não casar e quási o era, porque o que podia fazer na vida uma mulher sem amparo? Era como uma criança, que não sabia para onde dirigir os seus passos, criança que tinha de passar da tutela do pai, para a tutela do marido.

Mas a vida moderna acabou com êsse estado de coisas, o homem sobrecarregado de trabalho, cheio de preocupações, não pode de maneira nenhuma dedicar a sua vida a ser o tutor de sua mulher, e a mulher por sua vez não necessita de ser tutelada.

Esta modificação é das coisas boas que a vida actual tem, porque na vida nada há de mais detestável do que os seres inconscientes e sem responsabilidade, e, se a mulher é a companheira do homem, é natural, que tome a seu cargo a parte da vida, que lhe está a carácter dirigir, sendo útil e diligente, tendo personalidade e energia, sendo enfim um ser pensante e consciente, com acção e utilidade.

Para esta modificação da mulher muito tem contribuido a prática do desporto, que tem sido um explêndido elemento na vida feminina. A mulher que nada, que monta a cavalo, que joga o «tennis», que rema, aprende a ter iniciativa, a saber o que quer e a defender-se de muitos perigos.

Adquire sangue frio e coragem que hoje mais do que nunca são indispensáveis para se orientar e saber viver, e, defender-se. A mulher inglesa foi sempre uma das mulheres europeias que melhor se soube dirigir, viajar só, correr mundo, saber conduzir-se com linha, mas com energia e essa atitude vem-lhe sem dúvida, da prática dos desportos, que desde criança faz e que foi uma das primeiras mulheres europeias a adoptar.

E para a inglesa tudo serve de desporto, tudo o que seja exercício ao ar livre é um desporto sem a preocupação de se é elegante ou não fazê-lo.

Êsse desprendimento da elegância e êsse à-vontade na vida é uma das melhores qualidades, porque partindo do princípio, que qualquer coisa que se faça é elegante podem ter a certeza que passa a sê-lo, e, que só tem vantagens esta maneira de ver, que tanto simplifica a existência e a torna interessante.

Quando uma inglesa não dispõe dum «tennis» ou dum «golf» não deixa de fazer exercício por isso, pega numa vassoura varre o jardim, empunha a guia do cilindro de pedra de arranjar as ruas do jardim, e, faz exercício com a mesma convicção com que jogaria uma elegante partida de «tennis» no «club de Ranelagh», ou uma partida de «golf» em Rochampton. A questão está em fazer exercício, em tonificar o organismo, em equilibrar os nervos pelo meio tão racional do exercício ao ar livre.

É disso que se trata e não de saber se é elegante ou não varrer o jardim e cilindrar as suas areiadas ruas.

Todos os desportos são bons quando feitos com equilíbrio e êsse equilíbrio sabe tê-lo melhor que ninguém a mulher desportiva, por educação e raciocínio, e não a que o é apenas por snobismo ou por arrebatamento de momento, fantasia passageira, sem continuidade, mas também sem utilidade.

Um dos desportos que muito se usa na América onde a mulher é também muito desportiva, como tôdas as anglo-saxónias, é o jôgo do arco e da flecha.

É êste desporto um dos mais antigos da humanidade, as jóvens atenienses usavam-no como arma de guerra e nele se aperfeiçoavam com delírio, aliás como todos os povos da antiguidade, pois era esta a arma mais conhecida e divulgada desde os mais remotos tempos, arma usada pelos mais primitivos povos.

As amazonas, dizem os historiadores, para melhor atirarem ao arco, guerreiras consumadas como eram, mutilavam-se, cortando o seio esquerdo, para com mais segurança apertar contra o corpo o arco de que se serviam com maestria e tanto denodo, como os homens.

Isto não deve passar duma lenda, visto o arco não se apoiar no peito, e ser também a corda que o curva livremente, sem tocar em qualquer parte do corpo. No entanto, a lenda patenteia bem nitidamente o entusiasmo que as mulheres da antiguidade nutriam pelo seu desenvolvimento físico, tornando-se senhoras da sua direcção.

A americana é também exímia em todos os desportos e tem êsse ar desembaraçado, que aliado à graça feminina dá à mulher todo o encanto, o que é preciso é que a mulher conserve uma certa feminilidade nos seus movimentos, porque se é ridícula agora a mulher tímida e que não sabe orientar-se na vida, é preciso evitar também que a mulher se masculinize e tome aspecto de homem ou adquirir modas viris, que a tornem desgraciosa e desagradável à vista.

É êste equilíbrio que mantêm as raparigas americanas que são graciosas e belas sendo desportivas e saudáveis, enérgicas e atraentes e como prova temos Jean Chatburu campeã do jôgo do arco e da flecha em Hollywood onde é uma das belezas que ilustram a Metro Goldwyn Mayer.

É pois agora neste tempo de férias e de distracção em que não há cansaço intelectual a desequilibrar o organismo, que tôdas as raparigas devem dedicar umas horas ao desporto, seja êle qual fôr com tanto que seja ao ar livre e que seja feito com método e com cuidado.

Tudo serve, desde o varrer o jardim, cavar as couves, fazer marchas, com calçado sem saltos, apoiando o pé todo no chão, mas sobretudo fazer a vida ao ar livre uma vida sã, sem preocupações de «toilette».

Uns ligeiros vestidos, uma vida em comunhão com a natureza, que seja completameute diferente da vida de cidade, tão depauperante e que nesta época de movimento excessivo se torna absolutamente prejudicial ao sistema nervoso, em constante tensão.

Umas férias simples sem preocupações de elegância é o que mais se pode recomendar às raparigas, que a vida da cidade exgota distracções são ao ar livre, sem cinema excitante, sem dança, sem nada que lembre a vida da cidade extenuante.

Essa vida completamente natural e simples, que desintoxica e é o melhor remédio para os nervos cansados, nem que seja apenas durante 15 dias e é essa a vida que nós vemos fazer nessas praias e vilegiaturas estrangeiras, onde se refazem os organismos gastos pela movimentada vida das grandes cidades.

As distracções das férias devem ser completamente diferente das distracções da cidade, devem ser remédio para o corpo e cura para a alma, descanso completo e apaziguamento absoluto,

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

A mulher é sempre acusada de não ter regularidade de horas, de não ser pontual e de transtornar por completo a vida aos que a rodeiam, com a sua pouca atenção aos ponteiros do relógio. Esta acusação, que o sexo forte faz à parte frágil da humanidade é muitas vezes injusta, porque há muitos homens que sofrem do mesmo mal e que são tão pouco pontuais e tão indiferentes ao relógio, e, às suas ordens como a mais impontual das mulheres.

No emtanto não é isto um motivo para que se concorde com a irregularidade. É êste um grande defeito seja em quem fôr e tanto homem como mulher que tenham êsse defeito tornam a vida completamente desagradável.

Para o homem é êsse defeito prejudicialíssimo na sua vida oficial, na mulher é causa de desordem, pois numa casa onde a dona da casa, a cabeça dirigente da família dentro do lar, não tem horas para nada, não pode de maneira nenhuma haver o equilíbrio necessário à vida.

Casa onde não há horas de levantar, de comer e de deitar, é uma casa em que ninguém se entende, e, família que tem a desgraça de viver nessa desorientação, tem de estar completamente à parte da vida social, porque de maneira nenhuma pode fazer parte da sociedade.

Os criados não podem fazer o serviço com ordem porque não há método e são em geral, acusados de desleixados, se aqueles que têm obrigação de se dirigir são os primeiros a dar êsse tri-ste exemplo? Em geral as pessoas que são avêssas à regra das horas chamam escravidão ao relógio, a regularidade, mas não vêem que muito mais escravisadas elas vivem numa lufa-lufa de todos os momentos, porque quando absolutamente precisam de se integrar na vida social, que tem regras e horas nunca chegam a tempo ainda que e baforidas corram, tomando taxis e chegando sempre tarde.

A vida está organisada com horas e portanto é absolutamente necessário que todos se subordinem às horas, para ter uma vida social.

A mãe de família tem de ter a máxima pontualidade, regrar a sua vida para regrar a dos outros, as crianças têm de ter hora certa de levantar, para poderem seguir para o colégio, o marido tem de ter as refeições a horas certas para poder desempenhar o seu modo de vida.

Que confusão não há numa casa, quando o chefe da família que dispõe duma hora para almoçar, e retomar o seu trabalho chega a casa, e, encontra o almoço por fazer, e, tudo num reboliço de ordens e contra ordens, que há sempre nessas alturas. É natural que o seu mau humor desapareça e é também natural, que a sua bôa educação, que recebe tão duro assalto, se rescinta e as palavras desagradaveis, que êle desejaria tanto não dizer, não sejam reprimidas. O resultado são lágrimas, tristeza e pouco a pouco desunião.

Porque do bem-estar material e da regularidade de vida depende muito a felicidade da família e a união conjugal. O homem quando se casa não é para fazer romance, em geral cansado de romances, procura o bem estar e a vida regrada e comoda. Que importa que a mulher o ame com a maior ternura se pela sua indiferença pelas horas lhe estraga a vida.

A mulher incumbe ser ordenada e é uma questão de educação muito para atender na vida feminina. Que a pontualidade é também uma questão de feitio é uma verdade, pois vemos irmãos todos educados da mesma maneira, com a mesma disciplina e uns são pontuais e outros duma irregularidade aflitiva, mas a educação combate essa natural disposição e nas coisas essenciais da vida conseguem manter uma certa ordem.

Um dia mal começado tendo desordenado a hora de levantar, é um dia atrapalhado, tudo se atraza, chega-se fora de tempo a tôda a parte e acaba-se num enervamento aflitivo, como aflitiva se torna a vida de quem despreza as horas.

Se é religiosa a pessoa não consegue cumprir as suas obrigações, se tem de tratar dos seus negócios chega quando as repartições estão fechadas, se viaja perde os combóios, e, no fim não tem a escravidão do relógio, mas tem a pior das escravidões a do seu defeito.

E hoje que a mulher estuda, que tem lugares públicos é preciso que na sua educação seja incluida a disciplina das horas, que é também disciplina das almas e que torna muito mais suave a vida.

Quem está habituado a subordinar a sua vida a um horário, tem na vida as maiores facilidades, porque nem dá pela chamada escravidão, que passa a ser a coisa mais natural e com a regularidade de horas tudo ganha, a saúde, a felicidade e o descanso.

A pessoa pontual tem a certeza de que não tem essas contrariedades que apoquentam e que quando se trata de coisas sérias trazem perigosas conseqüências.

MARIA DE EÇA.

A moda

Estamos em plena estação de verão e as férias aproximam-se, praias e campos, termas e viagens darão aos que todo o ano trabalharam, estudaram ou fizeram a exaustiva vida elegante de sociedade, o ambicionado repouso.

A moda seguirá por toda a parte a mulher elegante encarregada de a divulgar e tornar conhecida. Onde está uma mulher «chic» aí se instala a moda e deslumbra todas as senhoras, porque ainda as mais simples e despretenciosas, têm um culto pela moda.

Nas praias e nas vilegiaturas as «toilettes» ou são abolidas e substituidas por «maillots» e pijamas, «shorts» ou vestidos de sol e só á noite no Casino reaparecem as «toilletes» que deslumbram e encantam os olhos. De dia a simplicidade completa, á noite a mais elegante «toilette».

E contra estes ditames da soberana da mulher, ninguem se insurge e só algumas vozes protestam, porque a mulher que em tudo proclama a sua independência é sempre a escrava submissa da moda soberana e tiranica que lhe domina a vida.

Mas sem protestos, pois que a moda dá origem a tanto trabalho indiquemos o que se usa: para a noite temos um lindo modêlo graciosamente usado por Eleanor Powel a graciosa bailarina-estrela da Metro Galdwyn Mayer. Em seda branca todo soutachado, com um finíssimo galão em prata é do mais belo efeito. Saia e blusa com um casaquinho de meia manga abotoado na frente e guarnecida a frente com motivos de renda de Irlanda. Sapatos sandalia em pelica prateada.

Para as penteadas á noite resurgiram as guarnições de flores que há quási um século tinham sido abandonadas. Damos hoje uma linda cabeça coroada de rainunculos de côres variadas, para acompanhar uma «toilette» em setim preto. É uma moda que tem sido muito discutida, que tem muitos adeptos e muitos inimigos, mas que se explica, porque compõe muito a cabeça das senhoras, e já numerosas elas são, que deixam crescer o cabelo sujeitando-se aos inconvenientes que a fase do cabelo meio crescido tem.

Para a tarde aqui temos um simples vestido «imprimé», porque apesar de tudo o que se diz: o «imprimé» triunfa em toda a linha e se há anos já que aparece no nosso guarda vestidos, êste ano apareceram lindos desenhos que mais, firmam o seu triunfo. Êste vestido é apenas guarnecido por uns franzidos em volta do pescoço e das ancas, seguras por um cordão feito do mesmo

tecido. E' um vestido, que com um elegante chapéu serve para um chá ou visitas, e, com um «canstier» ou uma «capeline» sem guarnições é próprio para as saídas mais simples.

E' esta a vantagem dos «imprimés». E certamente o segredo do seu triunfo e da duração da moda que os decretou.

Os chapeus preocupação máxima da mulher elegante apresentam-se êste ano muito mais guarnecidos do que nos anos anteriores. Os chapéus de abas viram de novo proteger do sol os rostos mimosos que com a mania dos banhos de sol perderam o receio de se expôr.

Ha vários modêlos, mas os que triunfaram e afirmaram a sua vitória são sem dúvida os chapeus guarnecidos com passaros e flores.

Um modêlo muito favorecedor e apreciado é o dêste chapéu preto, em palha, guarnecido com um passaro de azas abertas branco, e, tendo na borda um veu que ensombra ligeiramente os olhos.

«Canstier» em palha azul escura guarnecida com um ramo de malmequeres e botões de rosa. E' um modêlo gracioso e joven que fica bem a qualquer senhora.

«Capeline» em palha castanha guarnecida com profusão por flores em veludo. Chagas e folhagem, num amplo véu das que caem até aos hombros guarnecido de bordados dá a nota da elegância dêste ano.

Os véus tomam o seu lugar na moda e já se não contentam em nos tapar os olhos e a ponta do nariz. Amplos bordados e elegantes cobrem chapéus e rosto caíndo até aos hombros.

Dança e dançarinos

A arte da dança tão querida e apreciada das antigas, que faziam dela quási um rito sagrado, tem sido reduzida nestes últimos anos, quási a uma gimnástica, mais ou menos desengonçada, em que os gestos quanto mais desencontrados e faltas de harmonia, mais apreciados são.

Poderá ser que as danças modernas sejam muito artisticas, mas as danças antigas serão sempre bem diferentes, como no-lo provam as danças rítmicas, de que o Instituto Nalcrasse de Génebra se fez o divulgador pelo Mundo, tendo em quási todas as cidades europeias professoras, que ensinam ás crianças os seus passos dum tão suave rítmo, que lhes inculca, por assim dizer, a ciência das atitudes.

A dança deve ser uma gimnástica, mas uma gimnástica, que aperfeiçôe os movimentos e não que as torne desgraciosas e quási brutais.

A dança é uma arte e como tal deve ser con-

siderada e aperfeiçoada, saber dançar deve ser saber mover-se com graça e distinção. Assim era dantes e assim o compreendem ainda hoje algumas pessôas que á arte da dança se dedicam.

Em Roma celebrisou-se êste ano durante a temporada da Real Opera a dançarina russa, Jia Ruskaja, que mestra de dança tem uma escola muito sua, em que resurgem todas as festas graciosas da antigüidade, numa arte antiga e moderna também, porque interpretam a Arte de sempre, a verdadeira Arte.

Entrevistada por um dos mais inteligentes «reporters» do «Giornale d'Italia» Jia Ruskaja declarou, que para chegar á perfeição na dança, perfeição que ela atingiu, é preciso ter, primeiro o sentido artistico das atitudes, segundo a compreensão perfeita da música que acompanham, e terceiro muita paciência.

Na verdade em tudo o que é Arte para chegar á perfeição é preciso ter paciência, a paciência de estudar para atingir a sumidade da perfeição e Jia Ruskaja, conseguiu o seu fim pondo tôda a sua compreensão e intuição artístística ao serviço da paciência no trabalho, para fazer resurgir e viver de novo a verdadeira Arte da dança.

Higiene e beleza

A cultura física é o melhor meio para conservar a beleza e a elegância, assim como a prática dos desportos. Quem usar êstes meios de conservar a beleza e a elegância, chegará a uma avançada idade com um corpo esbelto e vigoroso.

Tôdas as manhãs dez minutos de exercício de gimnástica, e, todos os dias andar uma hora com um calçado prático que deixe apoiar no chão todo o pé, dêsde o calcanhar aos dedos. Para não engordar nada há de melhor.

E é bem melhor não engordar do que emagrecer, pois o emagrecimento tem o perigo de enrugar o rosto, se não fôr acompanhado de massagens. Para as pessoas que têm grande tendência para engordar aconselhamos o banho de parafina, porque combinado com um regime alimentar, dá o melhor resultado, pois da alimentação depende a gordura.

O sumo de frutas é muito recomendado e um dia na semana alimentar-se de laranjas, batatas e legumes verdes. Consegue-se um equilibrio de saúde, que dá beleza ao rosto e esbeltez ao corpo.

Receitas de cozinha

Bolo de chocolate: — Quatro ovos, o peso dos quatro ovos em açucar e o peso de dois ovos em farinha. Partem-se os ovos separando as gemas das claras. Batem-se as gemas com o açucar, em seguida batem-se as claras em castelo, deitam-se na tijela onde estão as gemas com o açucar, deita-se a farinha e bate-se tudo muito bem, unta-se a forma com manteiga e vai ao forno uma forma de buraco. Logo que esteja cozido tira-se e deixa-se arrefecer.

Em seguida faz-se um crême com três ovos, o peso de dois ovos em açucar, e uma colher de farinha de batata e duas chavenas de leite. Desfaz-se a farinha e o açucar no leite, junta-se-lhes as gemas dos ovos e uma colher de cacáu ou chocolate raspado. Quando tudo estiver bem desfeito vai ao lume e logo que engrosse tira-se do lume.

Corta-se o bolo em três partes, põe-se o crême, depois batem-se as claras com açucar e barra-se o bolo todo enfeitando com grangeia e ginjas ou cerejas em doce.

É um bolo delicioso e de belo efeito.

Preságios

O homem viveu sempre na ânsia de conhecer o seu futuro, sem reconhecer que a melhor graça que Deus lhe dá, é dar-lhe a vida sem saber o que lhe acontecerá, porque assim perderia sem dúvida a maior felicidade: a alegria de viver.

Os antigos consultavam os oráculos depois mais tarde, quando o cristianismo iluminou as trevas do paganismo consultava-se a Bíblia e nos trechos do Velho e Novo Testamento se encontravam preságios para quem os consultava, e assim se adivinhava o futuro.

Mas proibidos êstes hábitos, que se tornavam também pagãos, ao homem ficou sempre a mania de conhecer o futuro, de saber o que lhe aconteceria e aí temos em acção as cartomantes e as bruxas, que a credulidade dos homens enriquece, embora as auctoridades as persigam.

Quando há um assalto a casa duma bruxa, há

sempre na sala de espera uma quantidade de pessoas que esperam a consulta; de estupidos são alcunhados por quem lê a notícia e não é justo, infelizes na generalidade, que querem saber se o seu futuro será melhor, porque quem está bem não quere saber em geral o que lhe acontecerá, porque está satisfeito com o que lhe acontece.

E' a ignorância que lhe faz crer no que lhe dizem bruxas e cartomantes, crença que a esperança de melhores dias, em geral anunciados lhe faz ter preságios de felicidade, tão desejada pelos homens e tão difícil de atingir.

De mulher para mulher

Violeta: — O médico é que deve escolher a vilegiatura que lhe convém, a praia não convém a todos os organismos, assim como a altitude é prejudicial a alguns. O campo é em geral favorável a todos. Os arredores de Lisboa, são na verdade muito saudáveis, embora nem sempre sejam muito bonitos. Faça o vestido em linho, usam-se muito as «tailleurs» em linho, com uma blusa em «organdi» ou mesmo em seda ficam muito bem.

Graciosa: — Mas de que se queixa? Ser graciosa é melhor do que ser bonita e passar o verão, numa quinta na linda Beira Alta é o ideal, entretenha-se lendo, trabalhando, que obras de caridade, há sempre em tôda a parte pobrezinhos, a quem proteger e verá que não se aborrece. E hoje com automóveis e «camionettes» está-se sempre perto dum centro civilisado.

Marieta: — É feliz de realizar o seu casamento nêsse quadro duma capela de solar. Faça o vestido muito simples para que se harmonise com o ambiente e seja sempre assim feliz, com essa simplicidade ingénua, que a torna encantadora e que na sua nova vida só encontre alegrias.

Pensamentos

Saber viver é saber contentar-se com o que possui e não ter ambições irrealizaveis.

Para ser amada a mulher deve contentar-se em ver admirada a sua beleza, e, não querer impôr-se pela inteligência.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. V. 5.
Copas — V.
Ouros — D. 4.
Paus — A. R. D. V. 8.

Espadas — D.	**N**	Espadas — 10, 8, 7, 6, 2.
Copas — D. 9, 5.	**O E**	Copas — 8.
Ouros — 9, 8, 6, 5.		Ouros — V. 2.
Paus — 10, 6, 2.	**S**	Paus — 7, 5, 4.

Espadas — R. 9, 4, 3.
Copas — — — — —
Ouros — A. R. 10, 7, 5.
Paus — 9, 3.

Trunfo é espadas. *O* joga a Dama de Copas e *S* faz 10 vasas.

(Solução)

S joga 9 de espadas, Valete de espadas e 3 de espadas. *N* faz a Dama de espadas sôbre o 3 de espadas e joga o Az de espadas.

Sôbre as quatro trunfadas *E* tem de baldar-se 4 vezes sendo obrigado a perder as depesas nos seus três naipes.

Eufemismos chinezes

Os Chinezes, que passam por ser as criaturas mais bem educadas, mais apuradas do mundo, usam, entre si, — conta-nos um viajante que os estudou de perto, — uma linguagem figurada, destinada a atenuar a brutalidade de certos factos e a poetisar os objectos mais vulgares, até mesmo acções repreensíveis.

Assim, de um funcionário falecido, nunca se dirá que morreu, mas sim *que já não recebe os seus vencimentos.*

De um homem obscuro, anuncia-se o falecimento dizendo que *se tornou antepassado.*

Evitar-se-á dizer que fulano ou cicrano está enterrado em tal ou tal cemitério, explicando-se em vez disso, que *está descansando em tal ou tal cidade da velhice.*

Para os chinezes, um vulgar cogumelo é um *guarda-sol de fada;* uma laranja *uma maçã de oiro.*

Comprar o silêncio de alguém a trôco de dinheiro traduz-se por *espalhar o sôno.*

Como não há de semelhante gente julgar-nos muito mal educados!

Quando apareceu a moda da pele de serpente para fabrico de calçado e adorno de vestuário, os indígenas da Malásia, Bornéo e Sumatra, sob a tentação dos preços, meteram-se em grande número a caçadores dêste réptil. Em Malaca, o isco, para atrair as serpentes, era um coelho vivo metido numa ratoeira: a serpente comia o coelho, mas não podia sair, sendo então apanhada.

A origem do Kimono

Tem uma origem muito antiga esta peça de vestuário.

O Kimono foi criado no Japão, nos fins do século XVI. Até aí as japonesas usavam túnicas diferentes das gregas e romanas por serem muito mais curtas.

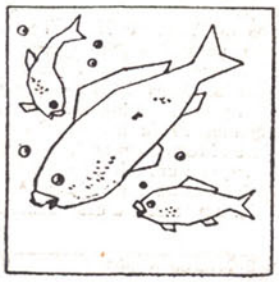
O historiador americano William Trust diz que encontrou em terras do Império do Sol Nascente a lenda de que o Kimono começou por ser um trajo de combate. Apareceu no período em que explodiu a reação contra o missionarismo católico iniciado naquele país por S. Francisco Xavier. O kimono, na amplitude das suas mangas, presta-se a disfarçar ou esconder armas de combate contra as tribus que defendiam a nova religião.

Será verdadeira a lenda?

Para os antigos banquetes pagãos, na nossa Península, sacrificava-se sempre um toiro. A abundância de manadas sem dono tornava necessária a captura dum daqueles bois selvagens dentro do próprio rebanho, operação esta sempre difícil e que deve ter precedido as actuais corridas de toiros. A fábula de Girião, morto por Hercules, e dos seus bois, que foi localizada na Península ibérica, teve alguma razão de existir.

Desenho cúbico

(Solução)



Eis os três peixes que sobressaem do desenho depois de escurecido todo o resto.

Superstição indiana

Apareceu em certa aldeia da Índia, há perto de 8 anos, uma espécie de tulipa gigantesca, formosíssima, de admiráveis reflexos negros que despertou a maior curiosidade e admiração nos camponeses. Quem se aproximava da flor singular ficava como que enfeitiçado — e seria feliz para o resto da vida... Ao mesmo tempo espalhou-se uma lenda na qual se dizia que no ano em que a planta não florisse, uma grande catástrofe cairia sôbre a região...

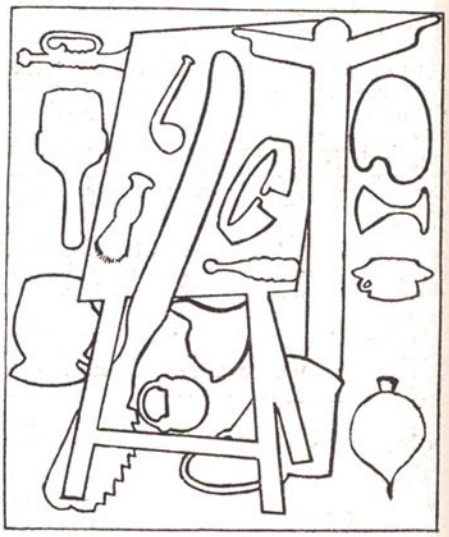
Este ano a túlipa não floriu. E um terramoto destruiu a aldeia.

Seria coïncidência ou realização da profecia?

Mistério que nunca se poderá desvendar...

Desenhos por acabar

(Passatempo)



Estão aqui uma porção de objectos muito conhecidos que apenas têm os contornos desenhados.

Trata-se de os identificar a todos, por êstes simples esboços. Convém acrescentar que as dimensões não estão em proporção umas das outras.

O inventor do piano foi um italiano chamado Crisegni. Foi êle o primeiro que, por um sistema de martelos, transformou a velha espinhêta no piano moderno, em 1710.

As máscaras contra gases

A aplicação do invento das máscaras contra gases asfixiantes estende-se cada vez mais na Europa, atingindo verdadeira originalidade. A última novidade acaba de fazer a sua aparição na Inglaterra.

Trata-se de uma máscara sintética nas suas linhas, e expressiva como uma pintura ultra-moderna aplicável aos cavalos de corrida, em caso de ataque aéreo.

Os *jockeys* foram também providos de idênticos meios de defesa.

O que mais nos faltará ver?

O artista: — Quero pedir-lhes para se conservarem nessa posição durante umas duas horas mais. Bem vêem, comecei a pintá-las no meu quadro!

(Do *The Happy Magasine*)

Acaba de aparecer:

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Pulverise **FLIT** *o inimigo implacavel dos insectos*

Com «insecticidas» inferiores não póde matar mosquitos!

Flit vende-se em 90 paizes, prova da sua eficacia na destruição dos insectos. Acautele-se contra productos mascarados de Flit. As latas de Flit só se vendem seladas para evitar fraudes. **Nenhum producto vendido avulso é Flit.** Exija as famosas latas amarelas com o soldado e a lista preta, recuse os substitutos.

Espalhe PÓ FLIT nas fendas e burácos onde os insectos põem os ovos, e estes morrerão logo.

FLIT mata SEMPRE!

Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS**

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs. ... 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs, com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est... 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, pela Direcção da Biblioteca de Instrucção Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. ..... 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs. ..... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. ..... 15$00

O Livro de Português, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. ..... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. ..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras ..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. ..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. ..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das Construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 volume de 356 págs., com 168 grav. 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 288 págs., com 337 grav. ..... 15$00

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. ..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 191 gravuras ..... 15$00

Encanamentos e Salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. ..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 400 págs., com 448 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 360 págs., com 442 grav. ... 18$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção de navios de ferro) pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 298 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 × 22 ..... 12$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento — 1 vol. com 424 págs. e 246 grav. ..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 115 grav. e 34 estampas ..... 15$00

Fogueiro, pelos eng. António Mendes Barata e Raul Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. ..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Joseph Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. ..... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. ..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas ..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna), pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. ..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs. com 139 gravuras. ..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras. ..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e major Mousinho de Albuquerque — 1 vol ..... No prelo.

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raul Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. .... 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. ..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 26 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav. ..... 15$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - Rua Garrett, 73-75 - LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

❁

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

❁

Secção especial de publicações ultra-rápidas

❁

Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

❁

Almanaque Bertrand

e

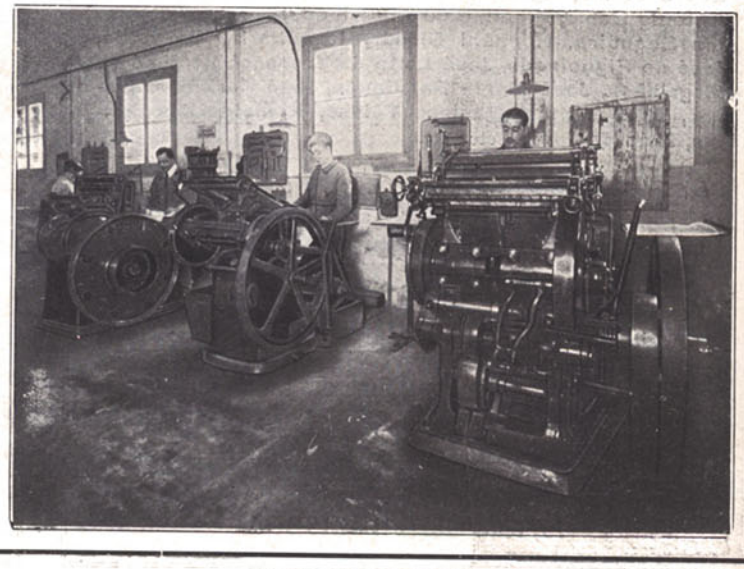
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERA QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa.

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA